

Nº 1.
MANOEL BERNARDO BIRRA

Nº 593

O METHODO BURGGRÆVIANO

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA

▲

ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

«Il est un art divin qui règne sur le monde,
Et dont tous les humains réclament les bienfaits.
En remèdes puissants la nature est féconde,
Mais il faut lui ravir ses merveilleux secrets.»

(G...)



PORTO

PAPELARIA E TYP. AZEVEDO

38, Largo dos Loyos, 40

1888

44/1 EMC

Presidente O. R. P. D.
 António Ant. do Souto
 J. M. S. S.

João Tex.^o Dias Lebre
tes } Pedro Augusto Dias
49. } Elidio Ayres Tex.^o Valle
Alb.^o Rodrigues das 3 Pinto

Escola Medico-Cirurgica do Porto

CONSELHEIRO-DIRECTOR

VISCONDE DE OLIVEIRA

SECRETARIO

RICARDO D'ALMEIDA JORGE

CORPO CATHEDRATICO

LENTES CATHEDRATICOS

- 1.^a Cadeira-Anatomia descriptiva e geral. João Pereira Dias Lebre.
- 2.^a Cadeira-Physiologia Vicente Urbino de Freitas.
- 3.^a Cadeira-Historia natural dos medicamentos. Materia medica Dr. José Carlos Lopes.
- 4.^a Cadeira-Pathologia externa e therapeutica externa Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
- 5.^a Cadeira-Medicina operatoria. Pedro Augusto Dias.
- 6.^a Cadeira-Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos. Dr. Agostinho Antonio do Souto.
- 7.^a Cadeira-Pathologia interna e therapeutica interna. Antonio d'Oliveira Monteiro.
- 8.^a Cadeira-Clinica medica. Antonio d'Azevedo Maia.
- 9.^a Cadeira-Clinica cirurgica. Eduardo Pereira Pimenta.
- 10.^a Cadeira-Anatomia pethologica Augusto H. d'Almeida Brandão.
- 11.^a Cadeira-Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia. Manoel Rodrigues da Silva Pinto.
- 12.^a Cadeira-Pathologia geral, semiologia e historia medica. Illidio Ayres Pereira do Valle.
- Pharmacia. Isidoro da Fonseca Moura.

LENTES JUBILADOS

- | | |
|---------------------------|----------------------------------|
| Secção medica. | { João Xavier d'Oliveira Barros. |
| | { José d'Andrade Gramaxo. |
| Secção cirurgica. | { Antonio Bernardino d'Almeida. |
| | { Visconde de Oliveira. |

LENTES SUBSTITUTOS

- | | |
|---------------------------|-------------------------------------|
| Secção medica. | { Antonio Placido da Costa. |
| | { Vaga. |
| Secção cirurgica. | { Ricardo d'Almeida Jorge. |
| | { Candido Augusto Correia de Pinho. |

LENTE DEMONSTRADOR

- | | |
|---------------------------|----------------|
| Secção cirurgica. | Roberto Frias. |
|---------------------------|----------------|

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação
e ennuuciadas nas proposições.

(*Regulamento da Escola* de 23 d'abril de 1840, art.º 155.º)

A meu Pae e a minha Mãe

*É com o maximo jubilo que vos offe-
reço este modesto trabalho. Representa
elle para vós um premio insignificante
dos muitos sacrificios que por mim fi-
zeistes; e para mim, um testemunho
do eterno reconhecimento que vos devo
e do muito amor que vos consagro.*

A meu Irmão José

Sinto-me deveras embaraçado n'este momento. Como posso eu offerecer-te este trabalho, se elle é teu? Tu tens sido para mim como que um segundo pae: é a ti que eu devo por assim dizer tudo o que sou. Poderei eu pagar-te tamanha divida?...

A
MEMORIA
DE
Minha Irmã Maria

TESTIMUNHO DE SAUDADE INFINDA.

A MEU IRMÃO BERNARDO E A MINHA IRMÃ JOAQUINA

A MINHA CUNHADA MARGARIDA

À MINHA QUERIDA AVOSINHA

A MEUS TIOS E TIAS

Prova de muita amizade.

A TODOS OS MEUS PARENTES

Aos meus condiscipulos
e amigos

Estima e gratidão.

AO MEU DIGNISSIMO PRESIDENTE

O ILL.^{mo} E ENC.^{mo} SNR.

Dr. Agostinho Antonio do Souto

Homenagem e sympathia.

AOS MEUS ANTIGOS PROFESSORES NA ACADEMIA POLYTECHNICA

OS EXC.^{mos} SNRS.

Dr. Antonio J. Ferreira da Silva

Dr. José Diogo Arroyo

AOS ILLUSTRES PROFESSORES DA ESCÓLA MEDICA DO PORTO

Dr. Eduardo Ferreira Simenta

Dr. Antonio Joaquim de Moraes Caldas

Dr. Ricardo d'Almeida Jorge

Dr. Antonio Blacido da Costa

Dr. Augusto H. d'Almeida Brandão

Reconhecido.

AO MUITO DIGNO DIRECTOR DA ESCÓLA MEDICA DO PORTO

O EXC.^{mo} SNR.

Visconde de Oliveira

AOS MEUS PARTICULARES AMIGOS

Dr. Antonio Joaquim d' Oliveira Castro

Dr. Luiz Pereira Ferraz de Menezes

Dr. José Joaquim Ferreira

Dr. Aureliano Carne

Dr. Julio Cezar d' Andrade

Dr. Antonio Augusto Pereira Leite Amorim

Dr. Custodio M. Vellozo

AOS MEUS INTIMOS AMIGOS

Francisco d' Assis Pinheiro

(DIRECTOR DO COLLEGIO DE S. FRANCISCO)

Revd.º Manoel d' Almeida Nunes Tavares

(MEU ANTIGO PROFESSOR DE INSTRUÇÃO PRIMARIA)

Anselmo José Sanches

(MEU PADRINHO)

Revd.º Luiz Ravasco de Gouveia

José Antonio Soeiro d' Albuquerque,

e sua Exc.^{ma} Esposa e Filhos

Dr. Theotónio Manoel Ribeiro Vieira de Castro

(VICE-REITOR DO SEMINARIO DO PORTO)

Dr. Fernando M. Allen Urcullu Vieira de Castro

Francisco de Paula Ribeiro Vieira de Castro

Henrique José Pinto

Candido José Ayres de Madureira

(ABBADE D'ARCOZZELLO)

Major-Joaquim José d' Almeida

Um abraço.

AO VENERANDO PROFESSOR BURGGRÆVE

AUCTOR DO METHODO DOSIMETRICO

Official da Ordem de Leopoldo da Belgica
e da Ordem de Christo de Portugal,
Commendador da Ordem do Carlos III de Hespanha,
Professor jubilado da Universidade e Cirurgião principal honorario
do Hospital civil de Gand, Membro titular da Academia de Medicina da Belgica,
Membro honorario da Sociedade dos medicos russos de S. Petersburgo,
Membro correspondente da Sociedade de Cirurgia de Moscow,
da Sociedade Nacional de Cirurgia de Paris,
da Academia real de Medecina de Madrid, Membro associado
estrangeiro da Academia real das Sciencias de Lisboa,
Membro correspondente da Sociedade das Sciencias Medicas da mesma cidade,
Membro correspondente da Academia imperial do Rio de Janeiro,
Membro fundador da Sociedade de Medecina de Gand,
Membro correspondente de varias Sociedades
de Medicina da Belgica, etc.

ADMIRAÇÃO E RESPEITO.

AO ILLUSTRE PHARMACEUTICO

Ch. Chanteaud

Fundador da Pharmacia Dosimetrica

PRELIMINARES

•Le peintre, le sculpteur enfantent des merveilles-
Où leur nom est gravé par la postérité:
De l'humble médecin, les travaux et les veilles
Brillent au livre d'or que tient la charité.»

(G...)

A profissão de medico, bem exercida, é, sem duvida, uma das mais nobres profissões que o homem pode adoptar; a arte de curar, bem posta em practica, é, certamente, uma das mais meritorias, das mais uteis, de que o homem pode orgulhar-se, porque é uma das que mais serviços prestam à humanidade. Para o medico que bem se compenetra do papel que tem a desempenhar para com os seus semelhantes, não ha motivos ponderosos que o possam inhibir de prestar os seus serviços a quem d'elles carece. Está sempre prompto a trabalhar. Nem chuva torrencial, despenhando-se em catadupas pelas vertentes das encostas; nem ventos desabridos, destroçando e arrebatando em sua furia tudo o que se oppõe à sua passagem; nem sol abrazador, nem caminhos escabrosos, nem barrancos e precipícios medonhos; nada o intimida, nada o detem.

na practica do seu sagrado ministerio: elle marcha sempre afoito aonde quer que a sua presença é reclamada.

N'uma povoação qualquer, cidade, villa ou aldeia, grassa uma epidemia terrivel, mortifera, horrorosa, que ameaça varrer todos os seus habitantes; todos os dias succumbe um numero de victimas não pequeno; os seus hospitaes, se é que os tem, acham-se atulhados de doentes; nas casas particulares, e até pelas ruas, veem-se miseraveis moribundos que inspiram ao mesmo tempo compaixão e horror, mas que não teem quem lhes preste o menor soccorro, porque o resto da população que ainda não foi empestada, foge d'elles espavorida: a miseria é extrema; o perigo imminente. Quem pode dispôr de alguns recursos — e não é medico — trata de se salvar, abandonando a povoação, ou emfim, tomando todas as precauções possiveis para se furtar ao terrivel flagello. Mas o medico, esse não pode fazer o mesmo. Esse fica, porque os deveres da sua profissão o obrigam a isso; ha-de levantar-se da sua cama a qualquer hora; ha-de passar muitas noites sem dormir; ha-de andar na rua com qualquer tempo que faça; ha-de ir a casa dos doentes e pôr-se em contacto com elles, arriscando assim a sua propria vida, porque os imprescriptiveis deveres da sua ardua missão exigem que elle assim o faça.

Todas as profissões teem os seus prós e os seus contras, suas vantagens e desvantagens, seus prazeres e dissabores; todas podem propor-

cionar aos que as exercem motivos de satisfação e motivos de desgostos: mas a profissão de medico parece-nos ser d'aquellas que teem mais contras do que prós, das que dão mais dissabores do que prazeres, que proporcionam mais motivos de desgosto do que de satisfação.

Se não vejamos.

Um joven medico, cheio de aspirações e de entusiasmo, de sciencia e de boa vontade, acaba a sua carreira escolar, carreira em que aliás foi sempre bem considerado por mestres e condiscipulos, em que deu innumeradas provas de applicação e talento, sendo muito bem classificado em todas as cadeiras, alcançando mesmo os primeiros premios em algumas d'ellas. Mas ao acabar tam brilhante carreira, defronta com a vida real, a vida practica, a vida dos desenganos, e, por vezes, bem amargos desenganos!

Supponhamos que este moço talentoso que tanto se distinguiu, que tanto honrou a classe a que pertencia, que tanta gloria e esperanças deu à sua familia; este moço para quem o futuro se antolha risonho, porque estuda e comprehende e sabe, porque quer continuar a estudar e a trabalhar com todas as suas forças, porque quer desempenhar bem a sua nobre missão, tem a infelicidade de lhe cair doente uma pessoa de familia, muitas vezes a mais querida, um pae, uma mãe ou um irmão. Recorda-se elle perfeitamente do que os compendios, os tratados, as revistas, etc., lhe dizem a respeito de pathologia, elle conhece bem o orgão ou orgãos que soffrem,

estabelece irreprehensivelmente o seu diagnostico anatomico, symptomatico, etiologico e nosologico, elle está ao facto do tratamento mais appropriado àquelle caso, porque o leu muitas vezes nos seus livros, porque lh'o aconselharam os seus mestres, porque o viu empregar algumas vezes na clinica hospitalar que seguiu com verdadeiro interesse durante os ultimos annos da sua vida de estudante. Cheio de coragem, prepara-se para o combate que vai encetar, bem decidido a lutar sem treguas, e bem esperançado em que ha-de ficar vencedor; escolhe as suas melhores armas, assesta-as ao inimigo, quasi convencido de que não é possivel que este lhes resista.

Mas, oh cruel desillusão! as armas embotam-se, o inimigo não só não recua, mas pelo contrario resiste-lhes, zomba d'ellas, avança intrepido ameaçando assenhorear-se cada vez mais do campo.

Então o joven medico redobra d'energia, folheia e refolheia os seus queridos livros, consulta alguns dos seus collegas de mais confiança, trata de pôr em practica o que de melhor uns e outros lhe aconselham; d'esta vez ainda fiado em que o inimigo ha-de ceder forçosamente, ha-de recuar e abandonar o campo que tam atrevidamente lhe disputa. E como não ha-de ser assim, se elle, o medico conhece a fundo a pharmacologia dos medicamentos que emprega? se elle tem bem presentes as propriedades physiologicas e therapeuticas de todas e de cada uma das variadas

substancias que entram na composição d'esses medicamentos? se elle os applica segundo as regras da arte? se elle emfim não descure a menor particularidade do que lhe pode vir a ser util? não se esquece de coisa nenhuma de que julga poder tirar proveito?...

Não pode ser. O inimigo ha-de fugir amedrontado, ha-de largar a presa infallivelmente. Vã muito embora atacar outras praças mais mal guarnecidas, onde haja falta de provisões, onde lhe não possam embargar a passagem, nem cortar a retirada. Ahi sim, pode elle fazer a sua conquista, pode ficar victorioso, pode escarnecer dos adversarios. Mas aqui não: aqui tem de haver-se com terriveis contendores, tem de lutar com adversarios adextrados e bem equipados; aqui tem quem o conheça nos seus mais intimos manejos e quem saiba oppôr-se ao seu poder e à sua astucia, por grandes que sejam.

Mas acontece que, apezar de tudo isto, não obstante tanta sciencia, tantos conhecimentos e tanta dedicação, o inimigo não se declara vencido, isto é, a doença progride; cada dia apparecem novos symptomas alarmantes ou se accentuam os que já existiam, cada dia o doente vae perdendo as suas forças; começa a inspirar seriissimos cuidados aos parentes e amigos, o medico começa a reconhecer a sua impotencia, a desconfiar da sua sciencia que tanto o orgulhava, a descrer dos seus conhecimentos que julgava mais infalliveis.....

Continua a lutar; põe de parte as armas com

que fez as suas primeiras arremettidas e em que tanto confiava; volta ao arsenal onde tem à sua disposição uma variedade enormissima de projecteis de todos os calibres, uma collecção riquissima de armas de todos os tempos, de todos os feitios e de todas as qualidades; percorre com a vista todo o recinto, olha, vê, busca, esquadriinha, e, d'entre tanta farragem, d'entre tamanha abundancia de obuizes, metralhadoras, canhões, espingardas, rewolvers, espadas, floretes, etc., tudo mais ou menos avariado, n'um estado de conservação melhor ou peor, là encontra ainda uma ou outra arma que lhe tinha passado desapercebida, e que provavelmente não é de qualidade inferior às primeiras.

Mãos à obra: nova arremettida. Eil-o de novo a investir denodadamente com o inimigo. Oh! mas d'esta vez com forças já bastante desiguaes. O medico perdeu já bastante terreno de que o inimigo, a doença, soube aproveitar-se; o inimigo està já senhor da praça e não é facil desalojal-o. Em quanto estava só às portas, ainda se lhe poderia fazer frente, ainda se poderia obstar a que entrasse; mas depois de estar dentro, depois de se ter apoderado de todos os reductos e baluartes, e de haver convertido em proveito proprio as munições que ainda restavam ao adversario, é difficil desbaratal-o e quasi impossivel pôl-o em fugida. Elle avança e continua na sua faina destruidora até haver assolado tudo, consumido tudo; nada respeita, ceva a sua furia nos despojos das desgraçadas victimas, e estas tendo ex-

haurido todas as suas forças, não podendo mais resistir-lhe, succumbem.

Terrível desengano para o novel medico! Que infelicissima estreia! Que inicio tam desconsolador!

E todavia, isto não é phantasia nossa, isto ou coisa muito parecida succede não raras vezes; todos o sabem, porque todos o teem presenciado.

Mas ha mais e muito mais do que isto. Este foi apenas o primeiro desengano, o primeiro desgosto que o medico soffreu logo no limiar da sua auspiciosa carreira: como este estão-lhe reservados muitos, se continuar a applicar-se à sua espinhosissima tarefa. Quanto mais fôr praticando, quanto mais doentes fôr tratando, tantos mais desenganos e desgostos ha-de soffrer; e, à medida que fôr avançando em annos, ha-de ir achando cada vez mais exactas as palavras de Hufelland, quando dizia: «Ha muito que adquiri a convicção de que, de todos os doentes que curam, a maior parte deve-o à natureza, a menor à assistencia do medico.»

Não queremos com isto dizer que elle tenha a infelicidade inaudita de ser tam mal succedido com todos os doentes, como foi com o primeiro: longe de nós tal pensamento. Ha-de ter muitos casos felizes, felicissimos, ha-de ver melhorar rapidamente muitos dos seus doentes, ha-de mesmo por vezes parecer-lhe que practica verdadeiras resurreições. Mas Hufelland tambem tinha muitos d'esses casos felizes, tambem curava muitos doentes e melhorava muitos mais; não obstan-

te, elle insistia nas palavras que acabamos de citar.

Qual será a razão d'isto?— Como se explica que, tendo-se investigado, descoberto e estudado tanto, hoje que a sciencia se tem aperfeiçoado immenso em todos os seus ramos, que se tem formado sciencias novas, hoje que se conhecem tantos segredos que ainda ha pouco jaziam ignorados, hoje que a intelligencia do homem se acha no mais alto grão de acrisolamento, hoje que possuímos tam poderosos meios de investigação, instrumentos delicadissimos, reagentes numerosissimos e maravilhosos, bibliothecas de tratados e obras importantissimas sobre todos os generos, museus optimamente providos de specimens variadissimos e irreprehensivelmente trabalhados; como se explica, dizemos, que um medico se veja ainda obrigado a reconhecer a justeza e a verdade d'aquellas palavras de Hufelland?

Desenganemo-nos. Quanto a nós, quer-nos parecer, ou antes, temos como certo, que não andaremos longe da verdade affirmando que a causa principal, a razão preponderante de tudo isto, està na *deficiencia dos meios therapeuticos*. Aqui é que està o endiabrado *busillis*, onde o medico emperra tantissimas vezes, aqui é que està a celeberrima *rocha Tarpeia*, d'onde elle se precipita, aqui està *Scylla* e *Carybdis*, onde naufraga.

A therapeutica é um complemento do fim para quê na existencia do medico. Elle não estudou para outra coisa, elle não tem outra razão

de ser. A humanidade não exige d'elle mais nada: o doente não espera senão que elle o cure ou allivie dos seus padecimentos.

Mas como ha-de o medico corresponder satisfactoriamente às esperanças do doente? como ha-de dar à humanidade o que ella lhe pede? como ha-de, emfim, ser medico na verdadeira accepção da palavra, se lhe faltam os meios therapeuticos, se as armas com que tem de lutar contra o inimigo estão enferrujadas e são de má qualidade?

«Infelizmente a therapeutica não existe.» Assim se expressava ha alguns annos um dos espiritos mais lucidos da geração medica franceza d'esse tempo, uma das glorias immorredouras de que a França pode com justo titulo orgulhar-se. Referimo-nos a Cl. Bernard, o sabio eminente que tantos e tam proveitosos ensinamentos nos deu, o investigador incansavel que nos traçou o caminho que devemos trilhar para descobrirmos muitas verdades.

E não é sômente este grande principe da sciencia que assim falla: muitos outros, tambem principes da sciencia, tambem mestres e sabios como elle, dizem pouco mais ou menos o mesmo.

Ouçamos mais alguns d'elles:

—Malgaigne diz: «Ausencia completa de doutrinas scientificas em medicina, ausencia de principios na applicação da arte, empirismo em tudo; eis o estado da medicina.»

—Valleix diz: «É triste vêr tantos estudos, tantas vigílias, tanto talento gastos para obter

tam insignificantes resultados! Quantos erros por tam poucas verdades!»

—Marchal de Calvi: «Jà não ha em medicina nem principios, nem fé, nem leis. Construimos uma torre de Babel, ou nem tanto porque não construimos nada.»

—Amédée Latour: «A medicina actual extraviou-se do seu natural caminho, perdeu de vista o seu nobre fim: curar ou alliviar. Sem therapeutica, o medico não é mais que um simples naturalista que passa a sua vida a reconhecer, a classificar e a desenhar as doenças do homem. É a therapeutica que eleva e ennobrece a nossa arte: só pela therapeutica é que esta arte tem um fim, e eu accrescentarei que é só por ella que a arte do medico pode tornar-se uma sciencia.»

—Bichat, fallando de therapeutica, diz: «Conjuncto incoherente de opiniões egualmente incoherentes, é talvez de todas as sciencias physiologicas aquella que melhor conserva o cunho do espirito humano. Que digo! nem é uma sciencia para um espirito methodico; é uma reunião informe de ideias inexactas, de observações muitas vezes pueris, de meios illusorios, de formas tam extravagantemente concebidas, como fastidiosamente agrupadas.»

—Germain Sée diz tambem: «Parece que se tem completamente perdido o verdadeiro objectivo do homem da arte, a saber: a cura do doente.»

Não acabariamos, se quizessemos dar-nos ao

improbo trabalho de fazer aqui citações, embora resumidas, de todos os auctores que se teem manifestado n'este sentido de uma maneira analoga. Authoridades de primeira ordem são sem duvida todas as que acabamos de mencionar, e não menos o são muitas que omittimos, taes como: Gubler, Bayle, Semmola, Fonssagrives, etc., etc., em cujos escriptos se encontram opiniões identicas.

E, por não citarmos só auctoridades extranhas, terminaremos por apresentar tambem a opinião de uma auctoridade nossa. Ouvimol-a o anno passado na aula de pathologia interna a um dos mais distinctos professores da Escola Medica do Porto, a um dos mais conspícuos talentos da actual classe medica portugueza, o sr. Dr. Ricardo Jorge. Tratava-se das doenças do coração. O illustradissimo professor preleccionou admiravelmente sobre este ponto, explanou os seus vastissimos e profundos conhecimentos acerca da physiologia e pathologia d'este orgão: tudo muito bom, muito claro, bellissimo, surprehendente. Mas, chegando à therapeutica, ao tratamento das variadissimas lesões alli localisadas, disse bem alto, perante todo o curso de seus discipulos, as mesmas palavras de Cl. Bernard, que ha pouco citámos.

É triste! É desconsolador um tal estado de coisas!

Anda um moço a estudar afanosamente durante 10, 15 ou mais annos, passa n'estes trabalhos o melhor da sua mocidade, e talvez da sua

vida, gasta uma boa parte da sua fortuna, se é que não a consome toda, sujeitando-se muitas vezes a si e à família às maiores privações; para no fim de todo este tempo, de todos estes trabalhos, de toda esta despesa, de todas estas privações, ficar sendo, quando muito, um inutil naturalista, segundo a veridica expressão de Amédée Latour!

É o mesmo que, por exemplo, um engenheiro, que tendo estudado a fundo a sua arte, estando plenamente conhecedor de todos os processos pelos quaes se executam os mais difficeis trabalhos a ella concernentes, possuindo mesmo um certo genio inventivo, uma aptidão não vulgar, força de vontade e dedicação tenacissimas; não pode fazer uso das suas faculdades, não pode pôr em practica as suas aptidões, não pode tirar proveito nenhum da sua sciencia nem da sua arte simplesmente porque... não tem lapis para desenhá-lo!

É o mesmo que um soldado na guerra, sem arma para fazer fogo contra o inimigo; um pescador no mar, sem rêdes para apanhar peixes; um tecelão, sem teares, para tecer os seus pannos; um agricultor sem instrumentos para apanhar as suas terras!

O que ha-de fazer o agricultor sem instrumentos, o tecelão sem teares, o soldado sem armas e o engenheiro sem lapis?

Nada. Exactamente o mesmo que o medico sem therapeutica.

PRIMEIRA PARTE

Doutrinas e systemas therapeuticos

«Je ne sais pas, en effet, d'abaissement plus grand et de souffrance plus pénible, que de faire de la médecine sans y croire, et de se trainer sans conviction dans des formules qui ne disent rien à l'esprit et dans une routine que le déshonore et l'énerve.»

(Fonssagrives.)

Depois do que acabamos de expender nos *preliminares* d'este nosso trabalho, julgamos que a primeira coisa que occorre ao espirito de qualquer, é perguntar: para que servem tantos tratados de therapeutica que se ostentam garbosamente nas bibliothecas medicas? para que servem tantos medicamentos hoje conhecidos e descriptos nos livros de materia medica? para que servem tantas formulas accumuladas em volumosos dispensatorios? para que servem tantos systemas, tantas doutrinas, que de todos os tempos e successivamente teem revolucionado e dominado o mundo medico?

Vamos aqui passar uma rapida revista aos principaes systemas e doutrinas que teem reinado ou ainda reinam em medicina. É uma collec-

ção já bastante rica de nomes, cada qual mais pretencioso, diríamos melhor mais extravagante.

Tendo necessidade de seguir uma certa ordem n'esta exposição, e não achando motivos que nos decidissem por outra, entendemos dever adoptar a que nos pareceu melhor: mencional-os-emos pois pela ordem chronologica.

Empirismo ¹

O empirismo em medicina é, pouco mais ou menos, o mesmo que em tudo. Considerado sob o ponto de vista logico, elle admite sómente por guia a experiencia positiva, despreza as theorias e começa sempre por estabelecer os factos particulares, evidentes, antes de os reunir em grupos e de deduzir d'elles as leis geraes. O acaso, a experiencia e a imitação constituem os processos principaes de que elle se serve. É um systema em que a experiencia é considerada como a unica fonte de nossos conhecimentos.

Os empiricos apoiam-se no grande nome de Hippocrates, mas a origem do empirismo vai muito além, perde-se na noite dos tempos. Philinus, de Cos, discipulo de Herophilo, e Serapião,

¹ N'esta parte tirámos bastante de um livro sobre therapeutica geral escripto pelo Dr. Reignier e apresentado ao concurso do Instituto Livre de Medicina Dosimetrica de Paris, em 1885.

de Alexandria são considerados como os fundadores do empirismo. Teve um grande numero de partidarios, entre os quaes são dignos de particular menção — Apollonius, Sextus, Cassius, Heraclito, etc.

Pouco tempo se conservou pura a doutrina ensinada e praticada por estes homens. É verdade que ainda hoje ha empiricos, e provavelmente ha-de havel-os em todo o tempo.

Trousseau, n'umas conferencias que fez em 1862, na Escola de Medicina de Paris, manifestou-se alta e claramente empirico, e foi calorosamente applaudido pela numerosa assembleia que o escutava, sem que nenhuma voz se levantasse para protestar. Trousseau tomava a palavra empirismo na accepção mais favoravel, que é a etymologica; mas esta palavra tem outra accepção é a que comprehende a ideia de ignorancia, ou peor ainda, de charlatanismo.

No empirismo teem logar todos os charlatães.

Doutrina de Pythagoras

Os pontos principaes d'esta doutrina são os seguintes: Pythagoras acreditava na metempsychose e ensinava que por occasião da morte do homem, sua alma passava para o corpo de um animal immundo, quando sua vida tinha sido viciosa, e para o corpo de um sêr superior, no caso de ter sido virtuosa.

A theoria mysteriosa dos numeros, segundo a qual estes não exprimem sómente as leis do mundo physico e moral, as relações entre as coisas; elles são ainda o principio d'essas leis, a essencia immanente das coisas: elles teem uma virtude formativa e especifica, e é graças a elles que o universo existe e que pode receber o nome de Cosmos.

O numero dominador, com o atomo ao lado, não podia deixar de arrastar consigo os dias criticos das doenças, bem como as theorias da periodicidade. É uma chimera. Se os factos chamados criticos fossem conduzidos ou subordinados pelo numero, como queria Pythagoras, elles tornar-se-iam necessarios, como o seu gerador, e sua evolução seria implacavel e fatal. É o que a experiencia não tem demonstrado até hoje.

Doutrina do fogo creador

Para os sectarios d'esta doutrina, que teve por fundadores os Stoicos, e cujo representante legitimo foi Heraclito, o cerebro era o foco do fogo creador e conservador do corpo humano, da mesma maneira que o sol era o centro de todas as irradiações thermicas do universo. A distribuição regular ou irregular d'este calor, conforme elle se achasse bem ou mal distribuido pelo organismo, era o que constituia para elles a saude ou a doença.

A therapeutica devia pois ter por base esta concepção, devia mirar simplesmente a este fim : *regular a distribuição do calor no organismo*. Heraclito assim o dizia.

Esta doutrina, como a antecedente e como algumas mais de que falaremos adiante, não passa de ser uma hypothese; nem é uma theoria, nem um systema, nem é mais nada, é simplesmente uma hypothese. Ha grandes diferenças entre a hypothese, a theoria e o systema. Seria por demais prolixa qualquer discussão no sentido de patentear essas diferenças; diferença que o uso nem sempre respeita, mas que em todo o caso não é mau recordar, porque a primeira qualidade a exigir de toda a sciencia é a clareza na terminologia. A hypothese contenta-se com a mera affirmação de principios; a theoria explica os factos. Pode haver hypothese sem theoria, ao passo que o inverso não é possível. O systema é uma disposição methodica de ideias ou de raciocinios encadeados uns nos outros e constituindo um todo coordenado que não pode romper-se em um ponto, sem lançar por terra toda a construcção, etc., etc.

Hypothese é uma nova supposição gratuita não demonstrada e de fundamentos imaginarios.

Doutrina atomistica

As ideias de Epicuro e Democrito sobre a constituição dos corpos são a base d'esta doutrina, cujo principal propugnador foi Asclepiades.

O empirismo, que Serapião tinha posto em voga, foi destruido por Asclepiades, para quem os corpos não são mais que um aggregado de atomos. O unico principio que elle reconhece no corpo humano, como em todo o universo, é — *atomo em movimento*.

O estado de saude resulta da disposição regular d'estes atomos e da justa proporção entre os seus diametros e os fluidos que alli circulam ou são exhalados. Ha só duas causas de doença — a dilatação e a condensação dos atomos; — e a practica reduz-se a fazer a applicação dos remedios que sejam capazes de restabelecer o estado normal pelos effeitos contrarios.

Assim limita-se a sua therapeutica à dieta, sangrias, banhos e bebidas aquosas e vinho, com exclusão de todos os remedios interiores, etc.

Asclepiades tinha uma cega confiança no seu methodo: foi venerado como um Deus pelos seus contemporaneos, ao passo que Galeno e outros o tratavam de impostor.

Doutrina da astrologia judiciaria

É o aggregado mais ridiculo, o conjuncto mais extravagante de embustes, erros e falsidades, que pode imaginar-se. Infelizmente chegou a espalhar-se por toda a parte, chegou a invadir todas as classes, assim as mais instruidas, como as mais ignorantes. A tal ponto se arraiga no espirito humano a ambição de saber o que se deseja!

Segundo esta doutrina, o corpo humano é directamente influenciado pelos astros, e não pode deixar de sel-o ; por isso que se estes exercem a sua poderosa influencia sobre os vegetaes e os outros animaes da creação, com muita mais razão devem exercel-a sobre o homem que é o centro e fim da mesma creação. «Se esta sciencia fosse verdadeira, diz Bally, o homem, demasiado instruido do seu destino, não seria mais que um actor que repetiria sobre o palco do mundo o que tivesse apprendido.»

Os phenomenos do mundo organico são aqui explicados pelas perturbações atmosphericas resultantes da conjuncção dos astros, e as causas das doenças de cada individuo são imputadas à boa ou mà estrella que pende sobre a sua cabeça.

Dogmatismo e causas occultas

O dogmatismo é constituído por elementos demasiadamente heterogêneos. Os dogmatistas tomaram para base da sua doutrina o raciocínio e a experiência, mas não tão puros, como os tinha concebido o grande Hippocrates, porque elles misturavam muitas vezes os dados fornecidos pelos systemas com os que se deduziam da observação.

Os medicos da famosa escola de Alexandria fundaram sob o nome de *dogmatica*, uma seita que, não obstante pretender seguir os passos do velho de Cos, tomava principalmente por guia hypotheses diversas concebidas *à priori*, e em opposição umas às outras. O medico, diziam elles, deve conhecer o que é que produz a saúde e a doença, as causas occultas, proximas, evidentes das doenças, a estrutura e funções dos órgãos, etc.

A therapeutica deve variar, segundo se attribuem as doenças ao excesso ou à falta dos quatro elementos, aos vícios dos humores, aos espiritos, à passagem do sangue nos vasos, etc.

A sciencia das causas occultas tinha por objecto, pelo que diz respeito à medicina, descobrir a panacêa universal e o elixir da longa vida.

Os dogmatistas não tinham um pensamento fixo: eram humoristas com Herophilo, partidarios do erro de logar com Erasistrato, da obstru-

ção dos póros com Asclepiades, do *strictum* e do *laxum* com Themison, etc.

A sua therapeutica pouco differia da dos empiricos.

O naturalismo

Hippocrates pode ser considerado como o pae do naturalismo. A sua doutrina, suas crenças sobre a evolução como que fatal das doenças, para as quaes estabeleceu phases differentes e successivas, taes como — preparação, invasão, augmento, decrescimento e terminação; a sua confiança talvez demasiada, mas até certo ponto justificada, olhando ao tempo em que elle viveu, na acção medicatriz da natureza, tudo está de harmonia com o espirito do naturalismo. Aqui se vai filiar a noção dos chamados dias criticos das doenças, do cyclo morbido que ellas teem de percorrer; e, por conseguinte, pelo que diz respeito à therapeutica, a noção da chamada expectação armada.

Se o empirismo se contenta com a simples observação dos factos, se o dogmatismo não se importa senão com a formulação de principios, nascidos pela maior parte da imaginação, o naturalismo differe de um e de outro pelas deducções que faz dos factos observados, por já ter em consideração a experiencia, etc.

O naturalismo na sciencia pode dizer-se uma

palavra ôca, indefinida, vaga; tal qual a palavra natureza d'onde ella deriva. Tudo aqui é de um sentido incerto ou de muitos sentidos, mais ou menos sancionados pelo uso, mas que nenhum d'elles indica uma ideia clara e precisa.

O Solidismo

Segundo esta theoria, os elementos solidos da economia são os unicos que podem ser alterados primitivamente; os liquidos pelo contrario, só podem vir a soffrer qualquer modificação ou alteração morbida consecutivamente e sob a influencia da alteração dos solidos. A este systema não lhe dão cuidado as causas da doença, nem a sua sêde; não se importa com as influencias das estações, climas, sexo, idade, etc. Todas as alterações pathologicas se reduzem ao *strictum* e ao *laxum*.

Themison foi o principal defensor d'esta theoria, theoria simples, exigindo portanto tambem uma therapeutica simples.

Effectivamente oppondo ao *strictum* umas bebidas emolientes, uns banhos tepidos, umas sanguesugas, etc.; e ao *laxum* uns banhos frios, umas bebidas tonicas, etc., estavam satisfeitas todas as indicações. Os humores não tinham necessidade de ser modificados pela medicação, porque não estavam alterados pathologicamente, ou se alguma vez o estavam, bastava que os solidos vol-

tassem ao seu estado normal para elles immediatamente voltarem tambem. E d'aqui se conclua que todos os medicamentos a que se pode dar o nome de eliminadores, taes como, purgantes, sudorificos, vomitivos, etc., não eram precisos para nada e não deviam ser empregados.

Themison foi ainda o creador do systema chamado *methodismo*, depois aperfeiçoado pelos seus successores, principalmente por Tessalus e Soranus. A base em que assenta o *methodismo* é exactamente a mesma da doutrina atomistica de que já falámos, e vem a ser: a noção de que o corpo humano, como todos os corpos da natureza, é constituido por um numero infinito de atomos invisiveis e impalpaveis, de volume e forma differentes e constantemente em movimento.

A harmonia perfeita entre os póros e os atomos constitue o estado de saude; se esta harmonia é perturbada, sobrevem a doença, que se apresenta sómente sob duas formas: o excesso ou a diminuição de tonicidade dos tecidos, isto é, o *strictum* e o *laxum*.

Humorismo

Galeno foi o fundador do humorismo. O grande merecimento de Galeno, sob este ponto de vista, está em saber condensar, reunir em um corpo de doutrina, todos os factos, argumentos e pontos principaes, que se achavam espalhados

pelos seus predecessores, aos quaes junctou os productos de suas theorias imaginarias para formar uma doutrina nova.

Todas as doenças, segundo esta doutrina, são produzidas pela superabundancia ou alteração dos humores. Assim o excesso de sangue determina a plethora; o da lymphá dá logar à anasarca e mais hydropisias; o da pituita occasiona as affecções phlegmaticas; o da bile, o embaraço gastrico, as doenças biliosas, etc. A effervescencia dos humores dá logar à inflammacção, d'onde resulta a febre.

As erupções, os dertos, a lepra e outras doenças cutaneas, provinham da acrimonia dos mesmos humores, e as doenças pestilenciaes e dysentericas, eram occasionadas pela sua podridão.

Aqui já temos a applicação therapeutica dos meios eliminadores, purgantes, sangrias, expectorantes, vomitivos, sodorificos, vesicatorios, etc.

Ha n'esta doutrina (não podemos deixar de o confessar) um tanto ou quanto de verdade, o que não quer dizer que não fosse uma doutrina perniciosa. Encontramos como seus partidarios, practicos de um grande merecimento, taes como — Rhazés, Avicennes, Avenzoar, Sanctorinus, Rivière, Sydenham, Stoll, Hoffmann, etc.

Pneumatismo

O pneumatismo, fundado por Atheneo e adoptado por Agathinus, Herodoto, Magnus, Leonides, etc., approxima-se muito do animismo de Stalh.

Teve curta duração e poucos partidarios.

Para os pneumatistas a maior parte das doenças é devida ao estado morbido ou soffrimento do pneuma, que elles assimilaram a um *archeo*, mas que, se quizermos conceder-lhe alguma realidade, não é mais do que o oxygeneo que circula nos vasos e que tam preciso é à economia. Os partidarios d'esta doutrina fizeram na physiologia e pathologia divisões extremamente numerosas; e, em vez de envidarem o melhor dos seus esforços para serem homens practicos, como lhes convinha, degeneraram em dialecticos.

Chimiatria

Theoria que teve a principal voga na Allemanha e por principaes campeões Van Helmont e Paracelso, os quaes pretendiam explicar todos os phenomenos, todas as reacções que se passam no corpo humano, tanto no estado de saude como de doença, pelos principios da chimica. Faziam do corpo de um animal um simples cadinho, e

todas as reacções eram para elles ou fermentações, ou distillações, effervescencia de humores, etc. Era demais para aquella época em que a chimica estava, por assim dizer, em embryão.

Hoje ha uma tendencia bastante pronunciada e fundamentada para reconhecer como verdadeira esta doutrina. Effectivamente tudo leva a suppor que um dia serão realisadas pela chimica experimental todas ou quasi todas as transformações que hoje são ainda apanagio dos seres vivos. A chimica tem feito innumerous progressos e não estacionará, por certo.

Estão-lhe ainda reservadas grandes coisas.

Doutrina das transfusões

Esta theoria propunha-se resolver os mais arrojados problemas de ordem therapeutica. Bastará mencionar um d'elles, para se fazer uma ideia das vistas transcendentales que tinham os defensores da transfusão. Era nada mais e nada menos que a immortalidade!

Vejamos como.

Um homem qualquer soffre de uma dyscrasia sanguinea, tem o seu sangue arruinado: o remédio é facil—introduz-se-lhe nas veias sangue novo e bom; um individuo está velho, tem pouco sangue e esse pouco que tem já não é do melhor quilate: coisa facillima — dá-se-lhe sangue novo e bom; um outro individuo abriu uma das suas veias

ou arterias de certo calibre, perdeu uma grande parte, quasi todo ou mesmo todo o seu sangue: pouco importa—faz-se passar para as suas veias nova quantidade de sangue em boas condições.

E assim se propunham entreter no homem a vida permanente, renovando-lhe indefinidamente o sangue de cada vez que d'isso carecesse!

Não se pode negar que a transfusão do sangue, practicada segundo os preceitos e com todas as precauções que a sciencia moderna aconselha, é util e mesmo muitas vezes necessaria, presta à medicina bastantes serviços; mas d'ahi até à immortalidade do homem, como se antolhava a alguns dos seus propugnadores, vai um espaço infinito.

Animismo

Como que em opposição à tendencia e pretenções exaggeradas dos partidarios da chimiatría para explicarem todos os phenomenos que se passam no organismo pelas forças da chimica e da physica, Stalh architectou a sua doutrina da intervenção da alma como causa primeira em todos os phenomenos da vida. «É o supposto sêr immaterial, chamado alma por Stalh, que é a causa da actividade do corpo organizado, que vela pela sua conservação e pela sua reparação, que preside a todos os actos da nutrição, das secreções, das sensações, etc.; e, sendo a missão

da alma manter a integridade das funcções que as causas morbificas tendem a perturbar, é da lucta que se estabelece entre o esforço de uma e a resistencia da outra, que nascem os phenomenos morbidos.» (Litré).

O animismo não é mais que a reproducção de varias doutrinas que appareceram em diferentes tempos e sob diversos nomes, taes como : o fogo creador, a natureza, o archeo, a alma material, o principio vital, as forças vitaes, etc. Descartes e Malebranche não foram dos que menos contribuíram para o inicio d'esta doutrina do animismo, e podem considerar-se, sob este ponto de vista, como legitimos predecessores de Stalh.

Doutrina da irritabilidade nervosa

Haller, Glisson e Cullen são os nomes que lembram immediatamente, quando se fala da irritabilidade nervosa. Por irritabilidade intende-se a propriedade de todo o elemento anatomico, em virtude da qual elle responde a qualquer excitação.

É um termo que tem sido empregado para designar os grãos diversos da actividade vital nos seus diferentes modos de manifestação.

Haller e Glisson reconhecem na materia viva dois elementos — *materia e força* — cuja associação é necessaria para constituir a vida. Da sua doutrina, que era apoiada em aturados e impor-

tantes estudos physiologicos, facilmente se passou para a doutrina nervosa, isto é, para a influencia do systema nervoso sobre a contractibilidade.

Segundo esta nova doutrina, os elementos nervosos são os que regem e dominam todos os outros; são elles que devem manter toda a machina animal em equilibrio, e os responsaveis em qualquer desvio que a esta aconteça, de qualquer desarranjo que lhe sobrevenha. A therapeutica orientava-se por tanto n'este sentido, quer dizer, tinha em vista restabelecer a saude, dirigindo-se mais especialmente ao systema nervoso.

Achamos bastante racional esta doutrina, que preparou o caminho para o vitalismo.

Vitalismo

Repugnou sempre a alguns espiritos admittir que os phenomenos chamados vitaes sejam ou possam ser simplesmente phenomenos de ordem physica ou chimica. D'esta repugnancia nasceu o vitalismo.

É a Barthez principalmente que se deve o haver constituido o vitalismo em corpo de doutrina.

A força vital domina a materia: esta força é explicada differentemente pelas diversas escolas. A melhor explicação é talvez aquella que faz derivar esta força das forças materiaes ge-

raes — a affinidade, a cohesão, a gravidade, o calor, a electricidade, etc.

A força vital não pôde sair do quadro de todas as outras forças, e não é mais de que um dos variadissimos modos pelos quaes se manifesta o movimento. Todas as forças são da mesma natureza, porque todas são oriundas de uma mesma causa — o movimento. Não ha forças consideradas como entidades abstractas; por conseguinte a doutrina de Barthez pecca pela base em que assenta.

Doutrina rasoriana ou do contro - estimulismo

É chamada rasoriana esta doutrina do nome do seu auctor, Rasori, medico italiano que viveu no principio d'este seculo; e contro-estimulismo, pelas ideias que sustenta a respeito da natureza das doenças e pelo modo como as combate.

Para Rasori a maior parte das doenças são sthenicas, um pequeno numero são asthenicas: d'ahi o emprego quasi continuo que elle fazia dos agentes depressores da vitalidade; taes como o tartaro emetico e mais preparados antimoniaes, saes purgativos alcalinos, ipecacuanha, etc.

Convem notar que no grupo de medicamentos a que Rasori e seus sectarios davam o nome de contro-estimulantes, collocavam substancias com-

pletamente differentes: algumas são essencialmente estimulantes, como, por exemplo, a *strychnina*. Empregavam todos os preparados em altas doses.

Se alguma utilidade teve tal doutrina, foi apenas a de mostrar que a acção de certas substancias é diferente, segundo são empregadas em doses elevadas ou baixas.

Brownismo

A doutrina *rasoriana* tem bastante analogia com a de *Brown*. Uma e outra admittem só duas classes de doenças — *sthenicas* e *asthenicas*, — com a differença de que o *brownismo* reconhece um numero maior de doenças *asthenicas* do que *sthenicas*, exactamente o contrario do que acontece com o *rasorismo*.

Para *Brown* todos os phenomenos que se passam na economia animal são dependentes de uma propriedade da materia viva, a que elle dà o nome de *incitabilidade*, e que corresponde ao que modernamente costumamos chamar *irritabilidade*. Elle chama *potencias incitantes* a tudo o que é capaz de actuar sobre o corpo vivo; e diz que a saude resulta do perfeito accordo entre a acção d'estas *potencias* e a *somma da incitabilidade* espalhada na economia.

Os estimulantes *tonicos* e *excitantes* *moraes*

medicamentos de que elle usava de preferencia, como convinha às suas ideias sobre a natureza das doenças. Só em casos excepçionaes usava dos contra-estimulantes ou sedativos.

Doutrina physiologica

N'esta doutrina não ha distincção ou separação entre a força e a materia, nem entre as propriedades dos tecidos e esses mesmos tecidos.

A irritabilidade é considerada como uma propriedade natural de todos os órgãos, e as doenças são devidas ao excesso, à falta ou à aberração da irritação; mas nunca a doença é considerada como uma entidade distincta dos órgãos. Os phenomenos pathologicos são apenas modificações dos phenomenos physiologicos.

Não nos repugna acceitar esta doutrina. Todo o medico precisa de ter uma doutrina, sem o que ou cai no scepticismo, ou não se differença em nada do charlatão, que faz obra pelo empirismo grosseiro.

Hypnotismo

Talvez devessemos já ter-nos occupado d'este grande senhor, que hoje está attrahindo as attentões de todos, sabios e ignorantes, pelos phenomenos extraordinarios a que dà logar e pelos factos maravilhosos que se lhe attribuem.

É certo que a origem do hypnotismo perde-se na noite dos tempos. Elle tem passado, como em geral passam todas as coisas d'este mundo, por numerosas vicissitudes. Encontramol-o, ainda que com nomes differentes, em épocas variadas da vida do homem, umas vezes virente e robusto, querendo que se fale d'elle, como de um alto personagem, outras enfezado e doentio, furtando-se às vistas dos curiosos para occultar a sua fraqueza.

Agora o vemos em poder dos ascetas mais fervorosos, que o consideram como uma emanção divina e se servem d'elle para fins muito diversos; logo o encontramos nas mãos de qualquer charlatão, que sem sciencia nem consciencia, tracta de armar à popularidade e de angariar alguns meios de subsistencia; mais logo achamos que homens notaveis pelo seu saber, medicos distinctos, como Mesmer, por exemplo, que pretendem dar-lhe um character scientifico e tirar d'elle todas as vantagens imaginaveis applican-

do-o therapeutivamente e considerando-o mesmo como uma panacea universal.

Modernamente està, como dissemos, attra-hindo as attenções do mundo sabio, està, por assim dizer, na ordem do dia. Desde que um vulto eminente, um clinico de primeira força, conhecido e respeitado por todos, um homem cujas obras são lidas com avidez por toda a parte, porque todos teem que aprender n'ellas, desde que um Charcot emfim lança mão do magnetismo, applica-o aos seus doentes e obtem com elle resultados surprehendentes, esta doutrina não pode passar desapppercebida para o mundo medico. É verdade que nós ainda hoje não comprehendemos o modo como o magnetismo actua, não sabemos explicar os phenomenos admiraveis por elle occasionados, nem desvendar os seus segredos; mas nem por isso deixa de ser tambem verdade que esses phenomenos se dão, que os factos, embora mysteriosos, se realisam e que alguns serviços presta.

Não entramos aqui em maiores desenvolvimentos a respeito do magnetismo: não é esse o nosso fim. Mencionamol-o apenas para junctarmos mais uma doutrina, theoria ou systema, se assim quizerem chamar-lhe, às outras doutrinas, theorias e systemas de que temos fallado.

É mais um dos muitos e variados processos therapeuticos de que os homens se teem servido ou se servem ainda, para curar ou alliviar os seus semelhantes dos males que os affligem. Não nos parece que elle venha a ter melhor sorte que

a da maior parte d'essa já longa serie de systemas therapeuticos mencionados; e isto porque não lhe vemos base scientifica nem character algum de positividade.

Homœopathia

Suppomos que se ficará fazendo uma ideia, senão completa, bastante clara, do que é e do que vale a doutrina de Hahnemann, examinando apenas a definição que elle dà de doença. No «Organon da Arte de Curar», livro onde o auctor da homœopathia expõe os seus principios e a sua doutrina, encontra-se a pag. 75 o seguinte: «As doenças não podem deixar de ser aberrações dynamicas, que nossa vida espirital experimenta em sua maneira de sentir e de obrar; quer dizer, mudanças immateriaes em nossa maneira de ser.»

Hahnemann nega que as causas das doenças possam ser materiaes, e sustenta que nunca ninguém será capaz de ver, por exemplo, um virus escrophuloso!...

Quanto ao tratamento das doenças, não pode elle deixar de ir de harmonia com o seu modo de pensar a respeito da natureza d'ellas. Condemna todos os processos empregados pela allopathia ou escola antiga; suppõe as substancias medicamentosas tanto mais activas, quanto mais divididas, e por isso as emprega sómente n'um

grao de extrema divisibilidade, em diluições infinitesimales.

A pag. 57 da obra citada diz o mestre: «A homœopathia não derrama uma unica gotta de sangue; ella não purga; nunca faz vomitar, nem suar; ella não repercute nenhum mal externo por meio de topicos; não prescreve nem banhos, nem clysteres medicamentosos; ella não applica vesicatorios, nem sinapismos, nem sedenhos ou cauterios; nunca queima as carnes com moxa ou ferro em braza; nunca acalma as dores com opio, etc.»

Hahnemann para se livrar de um extremo, caiu em outro extremo. A sua doutrina està julgada e por isso nada mais diremos aqui a respeito d'ella.

Allopathia

A homœopathia tem por divisa o « *similia similibus curantur*, » quer dizer, crê que uma dada substancia applicada ao organismo no estado physiologico e produzindo n'elle certas modificações, será capaz de fazer desaparecer essas mesmas modificações, quando existam pathologicamente; a allopathia, pelo contrario, adoptou para sua bandeira o lemma « *Contraria contrariis curantur*. » Na primeira pretende-se combater uma doença produzindo uma outra em tudo semelhante a ella, isto é, empregando substancias de proprie-

dades taes que sejam capazes de produzir no organismo um estado identico àquelle que se quer fazer desaparecer. Na segunda trata-se de combater ou modificar as alterações morbidas de que o organismo està affectado, por meio de agentes, cujas propriedades sejam oppostas às d'aquell'outros que determinaram esse estado.

São dois systemas que não podem congraçar-se de forma alguma. Ao passo que uma prescreve de ordinario nas suas formulas uma quantidade de substancia activa tam pequena que se torna intangivel; a outra prescreve na grande maioria dos casos dôses macissas e indigestas.

Por mais de uma vez havemos de ter occasião de nos referirmos à Allopathia na segunda parte do nosso trabalho, e reservamos para então algumas considerações que agora poderíamos fazer.

SEGUNDA PARTE

A DOSIMETRIA

I

Prenuncios

«A coup sûr, la connaissance de nouveaux alcaloides et leur introduction en médecine ont été un grand progrès».

(Dujardin Beaumetz).

É decididamente um grande progresso o conhecimento de novos alcaloides e sua introdução na medicina. Muito de proposito escolhemos estas palavras de um dos principes da sciencia em materia de therapeutica, e que, como todos sabem, não morre de amores pelos alcaloides.

Propondo-nos advogar aqui, despretenciosamente e livre de quaesquer compromissos, a causa d'estes famosos agentes therapeuticos, e sendo o illustre clinico francez a que nos estamos referindo um legitimo representante da doutrina professada nas escolas, pareceu-nos que na bocca de nenhum outro seriam mais insuspeitas taes palavras.

Temos em subida conta o talento e trabalhos de D. Beaumetz, merecem-nos uma consideração especial as suas obras, e estamos de accordo com elle em muitos pontos, mas não em todos. Servir-nos-ha de grande auxilio na tarefa espinhosa que nos impuzemos. Posto isto, comecemos.

Depois de tantas doutrinas, tantas theorias e tantos systemas therapeuticos, quantos são os que acabamos de mencionar, e ainda bastantes outros mais ou menos correlatos de que não fallamos; apparece mais uma doutrina, mais uma theoria e mais um systema therapeutico.

A primeira coisa que occorre perguntar é, se haveria realmente necessidade d'esta nova doutrina, se seria preciso o apparecimento d'este novo systema? A resposta parece-nos dever dar-se sem hesitação pela affirmativa, desde o momento em que vemos tantos e tam illustres membros da classe medica, tantos e tam distinctos clinicos, affirmarem cathegoricamente que não ha therapeutica.

Achamos que todas e quaesquer tentativas que por ventura se façam n'este sentido, não serão demais; todos e quaesquer esforços que se empreguem com o fim de descobrir um methodo racional de therapeutica, são com certeza louváveis e muito bem cabidos.

A humanidade que soffre quer ser alliviada dos seus soffrimentos. E o homem que tantas e tam maravilhosas descobertas tem feito, que se orgulha de saber o que se passa nos astros situados a milhares de milhões de leguas de nós, que

conhece os seus movimentos, a sua constituição, forma, volume e pezo; o homem que se ufana de prescrutar e arrancar da natureza os seus mais reconditos segredos; que vai ao fundo dos mares devassar tudo quanto ahi jaz escondido, que revolve o gelo dos pólos e escava a areia dos desertos; que de um continente faz dois, fazendo desaparecer o braço gigantesco que os unia; que fura montanhas de extensão enorme; que tira das entranhas da terra o que ellas teem de mais precioso; que combate afoito contra os elementos furiosos; que brinca com a tempestade, roubando à nuvem o raio com que ella podia anniquilal-o; o homem que é mais forte que um leão, mais astuto que uma rapoza, mais agil que um gamo; que nada como um peixe, e vôa como uma aguia: o homem que é capaz de fazer tudo isto e muito mais ainda, não ha-de ser capaz de descobrir um meio facil e commodo de curar ou alliviar os seus proprios padecimentos e os dos seus semelhantes?!

Que a coisa não é facil, sabemol-o nós todos, e prova-o a grande multidão de tentativas que se tem feito em todos os tempos com o fim de obter tam almejado resultado.

O homem chega sempre a resolver qualquer problema, por mais difficil e intrincado que seja, quando tem meios de conhecer todos os dados que entram n'esse problema; consegue sempre vencer qualquer obstaculo, por insuperavel que pareça, quando conhece bem a natureza d'esse obstaculo, e pode dispor de meios sufficientes.

Mas o problema therapeutico não tem ainda todos os dados conhecidos: aqui ha obstaculos, cuja natureza o homem provavelmente nunca chegará a conhecer; e por conseguinte não os poderá vencer, nem poderá jámais resolver cabalmente o problema.

Todas as doutrinas engendradas até hoje sobre therapeutica podem ser até certo ponto acceptaveis, todas as theorias teem realmente o seu tanto ou quanto de verdade, todos os systemas teem mesmo o seu lado seductor; no emtanto, a despeito de tudo isto, nenhuma satisfaz completamente.

O medico, depois de haver examinado um doente com toda a attenção e cuidado, depois de haver estabelecido o seu diagnostico com toda a precisão e certeza, volta-se para a therapeutica e sente um vacuo immenso; e contrista-se, por ver a difficuldade ou mesmo a impossibilidade de prehencher esse vacuo. Elle tem à sua disposição uma infinidade de medicamentos mais ou menos appropriados para o caso; os livros dizem-lhe que esses medicamentos applicados ao organismo em taes e taes condições e segundo certos preceitos, devem ser uteis, porque as suas propriedades e os effeitos physiologicos, therapeuticos e pathologicos que elles costumam produzir assim o indicam; a sua practica, se é que já tem alguma, tambem lhe confirma o que os livros dizem. Todavia elle escolhe o medicamento que lhe parece melhor, applica-o segundo os melhores preceitos dos melhores livros, guia-se pela sua practica

e pelo seu tino; e não obstante, o resultado está longe de corresponder sempre ao que havia a esperar.

A todos os practicos tem certamente acontecido por mais de uma vez o tractarem um mesmo doente de uma mesma doença (uma febre puerperal, supponhamos) em épocas differentes e mais ou menos approximadas. O medico emprega da segunda vez medicamentos identicos aos que empregou da primeira, manda-os administrar exactamente da mesma maneira, tanto pelo que diz respeito às doses, como à formula pharmaceutica, etc.; toma as mesmas precauções e adopta a mesma norma de proceder a respeito da alimentação e meios hygienicos; não obstante, da segunda vez a doença não cede tam facilmente como da primeira, o resultado colhido é muito differente, e o medico vê-se obrigado a variar de medicação, a lançar mão de outros agentes, e não raras vezes inclusivamente a pôr de parte toda a medicação, confiando o doente exclusivamente à natureza.

Algumas vezes os effeitos n'este caso são surprehendedentes. Acontece frequentemente que d'aquelle ou d'aquelles agentes em que havia menos confiança, d'aquelle ou d'aquelles meios d'onde pouco ou nada havia a esperar, é precisamente d'onde se colheu melhor resultado, foram elles que salvaram o doente e talvez a reputação do medico. E isto, dizemol-o aqui para descargo de consciencia, estamos plenamente convencido de que tem sempre acontecido e ha-de sempre acon-

cer a todos os medicos, qualquer que seja a doutrina que sigam, qualquer que seja o systema que adoptem.

Porque será isto assim?

Julgamos desnecessario responder a esta pergunta, porque todos sabem perfeitamente qual a razão: todos conhecem que clinicamente não ha doenças, mas doentes; que as constituições, temperamentos, idiosyncrasias, estados diathesicos, etc., etc., variam até ao infinito nos differentes individuos, e até o mesmo individuo se não assimelha a si mesmo em dois momentos quaesquer da sua existencia.

A machina humana é uma machina extremamente complexa, encerra ainda muitas peças desconhecidas e muitos segredos nas suas engrenagens e modo de funcionamento. Por mais que se estude n'ella, por mais que se investigue e se esquadrinhe, ha-de haver sempre muito que estudar, que investigar e que esquadrinhar. Nunca será talvez possivel conhecer-se a fundo esta machina admiravel pois que para isso seria preciso conhecer a essencia da materia e os segredos da organização.

É certo que não podemos marcar limites à intelligencia do homem, não podemos dizer o que elle será capaz de saber amanhã, nem prever onde terminarão as suas descobertas.

No mundo nada ha estavel senão a quantidade de materia e de movimento que n'elle existe; tudo o mais é mudavel, tudo se transforma, tudo evoluciona. A intelligencia do homem tem-

se aperfeiçoado immenso, as descobertas scientificas succedem-se de uma maneira espantosa, aquillo que hontem parecia impossivel, é já hoje provavel e amanhã será uma coisa corrente e banal.

Nada se pode affirmar em absoluto.

Mas o que é certo e incontestavel é que com respeito ao homem parece que quanto mais se sabe, mais ha para saber. A coisa que muitas vezes à primeira vista parece ser extremamente simples e trivial, analysada mais minuciosamente, contem segredos impenetraveis. Ora, um organismo qualquer, e com especialidade o organismo humano, é uma d'aquellas coisas que nem parecem simples, nem o são realmente.

Não gastaremos tempo em divagações a respeito da influencia que n'elle possam ter principios mysteriosos, forças ou agentes sobrenaturaes, a que se tem dado differentes nomes: archeo, alma, espirito, principio ou força vital, etc. Tudo isso nos parece pouco medico. A substancia organisada dà logar a phenomenos muito complexos e variados, phenomenos que não se observam nos outros corpos não dotados de organização: e o organismo humano, porque é o mais complexo de todos os organismos, mais que nenhum outro està apto para apresentar essa complexidade e variedade de phenomenos. No entanto, quanto a nós, cremos que a maior complexidade de phenomenos aqui observados, depende unica e simplesmente da maior complexidade da organização.

Os phenomenos chamados vitaes, de qualquer ordem que sejam, em ultima analyse não são mais do que manifestações do movimento material; esses movimentos são transformações de outros movimentos, são movimentos de ordem physica e chimica, e de modo nenhum admittimos a existencia de forças ou principios occultos e superiores exercendo a sua tutella sobre o organismo, e influindo para que os phenomenos se realisem d'esta ou d'aquella maneira.

Fazemos esta declaração categorica, porque queremos accentuar bem que, embora estejamos plenamente convencido da superioridade do methodo dosimetrico no tratamento das doenças, e por isso mesmo resolvido a adoptal-o de preferencia na nossa practica, não estamos completamente d'accordo com todos os pontos doutrina-rios, que o auctor d'este methodo, o illustre professor Burggræve, adopta e ensina nas suas obras. Custa-nos, por exemplo, a admittir a existencia de uma doença sem lesão material, qualquer que ella seja. Reconhecemos que effectivamente n'um grande numero de doenças ha um periodo, a que se costuma chamar periodo dynamico, periodo em que o medico não é capaz de encontrar no doente senão algumas perturbações funcçionaes de um ou mais orgãos, em que a anatomia pathologica com os seus variadissimos processos de analyse, com os seus numerosos e delicadissimos meios de investigação, não seria capaz de descobrir a menor alteração somatica. No emtanto cremos que nada nos auctorisa a affirmar que

ella não exista. Pelo contrario, admittimos que essa alteração existe realmente, quer nos solidos quer nos fluidos do organismo, em todo o caso — material. Reconhecemos a influencia da vitalidade nos phenomenos que se dão nos corpos vivos, mas essa vitalidade é para nós, como já dissemos, apenas o resultado da propria organisação.

A vida não é mais do que uma modalidade do movimento universal, e não ha linha de separação, não ha distincção absoluta e essencial entre o reino organico e o inorganico.

Posto isto, e não querendo alongar-nos em considerações d'esta ordem, que nos levariam fóra dos limites que nos traçamos, passemos a examinar propriamente o methodo dosimetrico; vejamos se elle tem realmente algumas vantagens, ou se é apenas mais um systema de pouco valor, mais uma doutrina a addicionar a tantas outras, que em materia de therapeutica teem sido engendradas.

II

Origem da Dosimetria

«La science trace les règles de l'art, et celui-ci, à son tour, complète, explique et perfectionne celle qui lui a donné le jour.»

(S. Laura)

Em 1854 Éverard, medico particular da rainha da Hollanda, lia à Academia real de medicina da Belgica uma Memoria sobre o cholera indiano, esse terrivel flagello com que a India presenteou a velha Europa, e que de tempos a tempos apparece entre nós com todo o seu cortejo de horrores.

O dr. Éverard acompanhara em 1832 a rainha, irmã do imperador Nicolão, até à capital da Russia, e, como alli grassasse por essa occasião a epidemia do cholera, teve ensejo de presenciar os bons resultados do tratamento que o doutor Mandt applicava aos cholericos.

Era uma epidemia horrivel pelos estragos que fazia na população da grande capital, pelo numero de victimas que disimava; porém, mais horrivel se ia tornando ainda a situação d'aquella cidade, se o proprio imperador não tratasse de

conter aquella gente que a todo o custo queria massacrar os judeus, a quem imputavam a culpa da calamidade que estavam soffrendo, por quanto, criam piamente que elles tivessem envenenado as aguas das fontes e os generos alimenticios.

Mandt era um allopatha que acreditava na homœopaticidade dos remedios.

Por esse tempo, sabe-se que a maior parte dos alcaloides que hoje enriquecem o arsenal therapeutico não eram conhecidos, ou pelo menos muito poucos eram empregados correntemente na clinica. A não ser a quinina, a morphina e poucos mais, que já então tinham logrado libertar-se do terrivel anathema que pesava sobre todos os alcaloides e os fazia considerar como venenos perigosissimos; dos outros, muito raras vezes se lançava mão d'elles. Conservavam-se guardados a sete chaves, e temiam-se ainda mais do que hoje as bombas Orsini ou semelhantes.

Ora, o doutor Mandt, se não se servia d'estes principios chimicos isolados, d'estas poderosas armas de combate, taes como hoje com tanta vantagem se empregam principalmente em Dosimetria; servia-se ainda assim de substancias activas e no maior grau de pureza que podia obtel-as, pois que no seu tratamento entravam sempre como base principal os extractos alcoolicos, nomeadamente o da noz vomica. O processo, na sua essencia, consistia em reduzir os extractos a pó impalpavel por uma trituração prolongada em almofariz de porcellana, mistural-os com assucar

de leite, e administral-os em doses fraccionadas e repetidas mais ou menos a miudo, conforme os casos.

Transcrevemos para aqui as principaes formulas de que se servia o doutor Mandt, acompanhadas das respectivas instrucções, que se leem na memoria a que nos estamos referindo.

« Constituido o cholera, admittimos o caso em que o doente conserva ainda um pulso perceptivel e em que o corpo não està ainda completamente frio. N'este estado o tratamento é sempre o mesmo. Administra-se um pó composto de :

Extracto alcoolico de noz vomica.....	1/50 de grão
Acido phosphorico.....	1/50 »
Assucar de leite em pó.....	5 grãos

Esta preparação é repetida, segundo a violencia dos vomitos ou das dejeccões alvinas: assim, todos os cinco, dez, quinze, trinta minutos.

Ao mesmo tempo, tem-se o cuidado de fazer mergulhar um lençol em agua fria salgada, e, depois de o haver torcido fortemente, embrulha-se com elle o doente, a fim de favorecer a reacção. Ordinariamente o calor começa a voltar no fim de algumas horas. Eu vi-o voltar, diz Everard, em menos de vinte minutos, bem como a cessação das caimbras.

Conseguido isto, resta observar as consequencias do ataque sobre a membrana gastro-intestinal e mesmo pulmonar. Se, passadas algumas horas, o estado do cholerico se agrava, mas o frio

não é ainda universal, alterna-se o remedio precitado com o seguinte:

Extracto alcoolico de noz vomica.....	1/50 de grão
Dito de veratrum branco.....	1/50 »
Dito de gramen	5 grãos
Assucar de leite em pó.....	5 »

O calor volta ordinariamente quando o tratamento foi instituido com cuidado e promptidão. Se tarda a reaparição, renova-se o lençol molhado na agua salgada. Entretanto applica-se sobre o ventre uma cataplasma de *carduus marix*.

Quando a doença chega à sua terceira fôrma, ou seja d'*emblée*, ou seja successivamente por uma agravação de todos os sytomas, a oppressão tornando-se excessiva, o pulso nullo, a pelle fria e cyanosada, então o perigo é imminente, é preciso fazer sobre todo o corpo fricções com gelo e sal pisados. Feita esta operação (e deve fazer-se com vigor e velocidade), o doente é de novo envolvido no lençol molhado e por cima uma coberta de lã, e mettido na cama.

Ao mesmo tempo, dà-se alternativamente, o primeiro remedio (noz vomica e acido phosphorico) e a preparação seguinte:

Almiscar	1/50 de grão
Extracto alcalino de noz vomica.....	1/50 »
Assucar de leite em pó.....	5 grãos

Estes pós são administrados a intervallos mais aproximados, todos os cinco, seis, dez, quinze ou vinte minutos.

Depois de algumas horas de espera, se a pelle não toma o menor vestigio de calor, devem repetir-se as fricções com o gelo e sal.

Se o cholera é secco, fulminante, apopletico, com ou sem paralysisa, o mesmo tratamento interno, e dar-se-ha alternativamente:

- | | |
|----------------------------------|--------------|
| 1.º Extracto de noz vomica | 1/50 de grão |
| Almiscoar..... | 1/50 » |
| Assucar de leite..... | 5 grãos |
| 2.º Camphora..... | 1/50 de grão |
| Assucar de leite | 5 grãos |

Estes remedios são dados como acima se disse, todos os cinco, dez, quinze ou vinte minutos, segundo a violencia dos symptomas.»

Tal é a base do tratamento que Mandt applicava aos cholericos em 1832 em S. Petersburgo.

Como se vê, algumas relações tem com o methodo dosimetrico; por isso não admira que o auctor d'este ultimo fosse alli principalmente beber a ideia que o havia de tornar immortal.

A memoria do doutor Éverard passou despercebida, nem ao menos teve as honras de uma discussão na douda assembleia onde foi lida. «Le fléau avait cessé, diz o professor Burggraeve, et MM. les académiciens préférèrent s'endormir dans leur fauteuil.¹

A julgar pelo apreço que lhe deram os illustres sabios da real academia, parece que o tra-

1 Organon de Médecine Dosimétrique, pag. 2.

balho d'Éverard devia ser de somenos importancia, ou mesmo de valor nullo. No emtanto a verdade é que elle tinha valor e valor consideravel.

Nada admira que assim acontecesse. Quantas e quantas vezes se não teem dado factos similhantes? E não é só na academia da Belgica que succede algumas vezes o ter-se em menos conta aquillo que mais vale. Nas academias de todo o mundo e fóra das academias acontece não poucas vezes a mesma coisa. Gasta-se às vezes um tempo preciosissimo em discutir velleidades, insignificancias, coisas futeis, que pouco ou nada aproveitam; e não se concede um pouco de attenção, nenhum caso se faz d'aquillo que mais proveito daria.

Mas ponhamos de parte considerações d'esta ordem, que embora verdadeiras e justas, poderão parecer inconvenientes. Os homens são o que são, e a perfeição *ici-bas* não passa de uma utopia.

Voltemos, portanto, ao trabalho d'Éverard. A verdade é, como iamos dizendo, que elle tinha valor e importancia bastantes para não merecer o esquecimento da assembleia. Burggraeve pensou n'elle, reflectiu bastante e decidiu-se a experimentar o methodo de tratamento do doutor Mandt; apenas com a differença de que aos extractos d'este ultimo, Burggraeve substituiu os alcaloides.

Deu-lhe principalmente nas vistas o emprego que Mandt fazia dos excito-motores e vasculares (noz vomica, camphora, almiscar, bryonia, etc.); e mais especialmente ainda lhe chamou a attenção a circumstancia de Mandt associar frequentermen-

te a noz vomica à quinina. Parecendo-lhe, e com razão, que aquillo que convem essencialmente fazer em doenças d'aquella ordem, é sustentar a vitalidade pelos nervinos.

Já em 1833 Burggræve, que então era chefe dos trabalhos anatomicos na universidade de Gand, onde por essa occasião grassava horivelmente a epidemia do cholera, fazia uso quotidiano de uma mixtura de pós a que elle chamava «o seu pó nervino,» e que era composto de almiscar e camphora. Os resultados, com quanto não fossem maus, estavam, já se vê, longe de corresponder aos que depois obtive, quando começou a fazer uso dos alcaloides: comtudo era mais um passo para o estabelecimento do chamado methodo *atomistico*, que tão bons resultados havia dado um anno antes em S. Petersburgo.

Na época em que o professor Burggræve se resolveu a fazer a applicação do methodo de Mandt, não havia cholera em Gand; por isso não foi em cholicos que elle começou a empregal-o, mas sim em variados estados febris que mais ou menos se aproximam d'aquelle. Não lhe faltavam na sua clinica cirurgica casos de febres a que elle pudesse applicar tal methodo.

Em breve lhe reconheceu as vantagens; e, para que de algum modo se faça uma ideia approximada d'essas vantagens, transcreveremos ainda para aqui o que elle nos diz n'uma das suas obras:

« Jusque-là nous n'avions été guère heureux dans les opérations : les deux tiers, au moins, de nos opérés succombaient,

soit au trématisme aigu, soit aux infections purulentes. C'était donc le cas d'examiner si nous serions plus heureux avec la méthode défévescente. En effet, ce qui constituait le danger de la fièvre des opérés, c'est l'énorme élévation de chaleur animale : 40°, 41° e 42° c. Il fallait donc abattre cet excès de calorique, non par les débilitants, mais par les excito-moteurs. Les résultats ne tardèrent pas à nous démontrer combien Mandt était dans le vrai. Tous nos blessés et opérés furent donc soumis — tant préventivement que curativement — aux alcaloïdes défévescents : strychnine, aconitine, véraltrine, digitaline, etc. ; chez tous nous eûmes la satisfaction de voir que la chaleur animale se maintenait dans des bornes voisines de l'état physiologique : 38° c. Dans ces conditions, la fièvre ne pouvait plus nuire ; et nos opérés étaient empêchés de devenir des malades. Il est vrai que les pensements de Lister furent pour beaucoup dans ces heureux résultats ; mais seuls ils ne les eussent pas obtenus, car avec eux notre mortalité avait été assez élevée : 15 et 20 %. Des ce moment elle descendit à 5 et 2½ %, où elle s'est maintenue depuis.»

Já se vê, pois, que valia bem a pena lançar mão de um tal methodo; e Burggræve, espirito atilado e prescrutador, não era homem que deixasse fugir tão boa occasião para prestar à sua patria e à humanidade inteira os assignalados serviços de que já hoje uma e outra lhe são devidoras.

Burggræve, cujos sentimentos generosos e compassivos, cuja nobreza d'alma e interesse pelo bem de seus semelhantes foram o unico motivo que o levou a adoptar a carreira de cirurgião, onde se tornou eminente; não podia em tal conjunctura deixar de patentear os mesmos sentimentos, a mesma nobreza e o mesmo interesse para vir a ser um medico ainda mais eminente. Se os horrores da guerra, se o aspecto horripo-

lante dos feridos, que por acaso viu passar por junto d'elle em longos comboyos por occasião da memoravel batalha de Waterloo, operaram n'elle como que uma transformação completa, forçando-o a abandonar a repulsão instinctiva que a vista do sangue lhe inspirava até alli, como elle mesmo nol-o diz no principio de uma das suas obras mais importantes¹; não é de estranhar que a leitura de um tal documento o impressionasse sufficientemente, a ponto de por elle chegar a descobrir novos processos para a administração dos medicamentos, um novo methodo na arte de curar.

Tal foi o inicio da Dosimetria, d'essa reforma therapeutica a mais radical, a mais importante e a mais vantajosa de todas as reformas therapeuticas que até hoje teem apparecido.

1 • Nous n'étions pas fait, moralement, pour la chirurgie. La vue du sang nous a toujours inspiré une sorte de répulsion, et, à la veille d'une grande opération, nous étions plus affecté que le malade lui-même. Mais, le désir de soulager nos semblables nous soutenait.

BURGG. — *Cours. Théor. et Prat. de Chirurgie*, pag. 111.

III

O que é a Dosimetria

«L'alcaloïdo-thérapie, considérée dans l'extension et la généralisation des médicaments alcaloïdiques et dans les modes particuliers de leur emploi, est la gloire de l'école dosimétrique.»

(S. Laura.)

A.) *Agentes da Dosimetria.* «A alcaloïdo-therapia, considerada na extensão e na generalisação dos medicamentos alcaloidicos e nos modos particulares de seu emprego, é a gloria da escola dosimetrica.» Assim começa o distinctissimo clinico e abalisado professor da escola de medicina de Turim, o Dr. S. Laura, o seu bello livro intitulado — *Pharmacotherapie Dosimetrica Comparada ou Guia para o estudo dos principaes medicamentos novos*; — livro que foi presente ao concurso do Instituto Dosimetrico de Paris, em 1885, e que pelo seu valor e importancia foi julgado merecedor do primeiro premio.

Não nos compete fazer aqui a apologia d'este livro, nem o elogio do seu auctor, que aliás é já

bem conhecido, principalmente pelos medicos de todos os paizes que seguem o methodo dosimetrico. Diremos só que n'este livro se acham magistralmente descriptos os caracteres, propriedades physiologicas e therapeuticas, usos, modos de applicação e effeitos dos alcaloides e alguns outros principios medicamentosos hoje empregados em medicina: tudo comparado com os caracteres, usos e effeitos das substancias mães, d'onde elles são extrahidos.

Basta ver o que elle diz a respeito, por exemplo, do aconito e da aconitina, do elleboro e da veratrina, da digitale e da digitalina, etc. para ficar plenamente convencido de que os alcaloides, sendo empregados segundo os preceitos da Dosimetria, são em tudo superiores aos medicamentos compostos da pharmacia Galenica.

E não se diga que o livro a que nos estamos referindo, foi escripto com o *parti-pris*, da parte do seu auctor, de ser favoravel ao novo methodo, falseando talvez a verdade dos factos, faltando à sua propria dignidade profissional ou tendo em menos conta o preito devido à verdadeira sciencia. Não. O seu auctor experimentou e teve occasião de avaliar bem as vantagens de uns e outros. Diz-nol-o na pagina 57 do livro citado, onde affirma que «é só a experimentação comparativa que pôde, com effeito, ensinar ao sabio a fazer uma escolha dos meios curativos que a arte lhe offerece em tam grande numero.»

Quando nós frequentavamos o nosso terceiro anno, escrevemos para a cadeira de Materia Me-

dica uma dissertação que, para satisfazer aos regulamentos escolares, nos foi exigida pelo respectivo professor. N'essa dissertação, a que demos por titulo — *Breves considerações acerca das vantagens que offerece o emprego therapeutico dos alcaloides ou principios immediatos isolados, sobre o emprego dos medicamentos galenicos*, — parece-nos termos dito o que de mais importante e essencial se póde dizer para theoricamente justificar o fim que nos propuzemos.

Depois de alli fazermos algumas considerações geraes sobre therapeutica e sobre a historia e propriedades dos alcaloides, passámos a expor os principaes argumentos que nos pareceu servirem para fundamentar a epigraphie que escolhemos. Dividimos esses argumentos em cinco capitulos, a que demos os titulos seguintes:

- I — Confusão e falta de clareza na acção dos medicamentos galenicos.
- II — Variabilidade na virtude therapeutica das plantas, proveniente da colheita.
- III — Variabilidade na virtude therapeutica dos medicamentos vegetaes, devida à preparação galenica.
- IV — Variabilidade na virtude therapeutica das preparações galenicas, devida à conservação.
- V — Facilidade de administrar os principios immediatos aos doentes.

Não sabiamos então que as epigraphes d'estes cinco capitulos correspondiam exactamente a

cinco dos pontos que o Congresso Internacional das Sciencias Medicas, reunido em Bruxellas em 1875, teve de examinar para responder à seguinte questão que lhe havia sido proposta: «*Deve-se ampliar o emprego dos principios immediatos chimicamente definidos e multiplicar a sua preparação na pharmacopêa?*»

Como quer que seja, o que é certo é que as considerações e argumentos que o Congresso apresentou por essa occasião a respeito d'estes cinco pontos, concordam plenamente com as nossas; ou antes, para sermos mais franco, devemos dizer que as nossas não são mais que a reprodução summaria do que se lê no relatorio d'aquella douta assembleia, e isto porque quando as escrevemos, tirámos bastante do «Repertorio Universal de Medicina Dosimetrica,» que a seu turno tinha já tirado do dito relatorio.

Não reproduziremos aqui essas considerações, cuja verdade suppomos que ninguem de boa fé se atreverà a pôr em duvida. Com effeito, quem é que não sabe ou não crê que a virtude therapeutica das plantas varia com circumstancias e causas diversas e numerosissimas? Uma mesma planta, nascida e creada n'um mesmo terreno, tratada com os mesmos cuidados, dà productos extremamente differentes, segundo os annos são seccos ou humidos, segundo a época em que se faz a colheita, segundo as partes que se aproveitaram, etc., etc.

Os alcaloides, pelo contrario, são sempre identicos a si mesmos. Desde o momento em que se

usem sempre da mesma fonte, uma fonte que inspire confiança, está claro, não ha receio de que hoje sejam mais activos e amanhã mais inertes, está-se sempre seguro do que se dá e quanto se dá.

Mais adeante, quando tratarmos das principaes objecções que se tem feito ao methodo dosimetrico, explanaremos mais este assumpto. Agora apresentaremos aqui as conclusões a que chegou o sabio congresso a que ha pouco nos referimos. São as seguintes :

1.^a «É eminentemente desejavel que se amplie em medicina o emprego dos principios immediatos chimicamente definidos, de maneira que progressivamente se estabeleça o uso de substituir ao emprego das materias vegetaes brutas o emprego de seus principios activos isolados.

2.^a É util, para este fim, multiplicar nas pharmacopêas as formulas convenientes para auxiliar este movimento.

3.^a As formas medicamentosas que se prestam melhor ao emprego dos principios immediatos e á facilidade de sua administração, são para o uso interno o granulo, a milligramma de substancia activa, e, na sua falta, o alcooléo a $\frac{1}{50}$, que corresponde sensivelmente a um milligramma por gotta do conta-gottas. »

Como se vê, estas conclusões não podiam ser mais favoraveis ao emprego therapeutico dos alcaloides, não podiam estar mais de harmonia com

as aspirações do methodo dosimetrico: e a dosimetria servindo-se quasi que exclusivamente d'estes preciosos agentes, parece-nos ter realisado um grande progresso.

Podem dizer-nos que os medicos dosimetristas não são os unicos que se servem dos alcaloides; que todos os outros medicos, qualquer que seja a escola a que pertençam e o methodo que sigam, fazem uso d'elles quando lhes convem. Plenamente de accordo. Mas, o que ninguem pôde negar é, que tem sido a Dosimetria quem mais tem concorrido para que o emprego de taes agentes se vulgarisasse; foi a Dosimetria certamente quem fez com que se puzesse de parte o horror inaudito que inspiravam estas armas terriveis, até alli, como já dissemos, bem aferrolhadas em logar seguro e consideradas como coisas em que é perigosissimo tocar. Pois se ainda hoje, força é dizel-o, bastantes medicos teem medo dos alcaloides: assacam-lhes as maiores injurias, attribuem-lhes os mais estupendos maleficios, e se puderem passar sem lhes tocar, não lhes tocam!

Ora francamente nós não vemos motivo algum para tal receio. Pelo contrario, lendo os diversos jornaes de medicina dosimetrica que hoje se publicam em varios paizes, e onde diariamente se descreve um numero não pequeno de casos pathologicos de toda a ordem tratados pelos alcaloides; tendo tido occasião de conversar bastantes vezes com medicos que empregam na sua practica de preferencia estes agentes, vemos que elles não só são o que ha de mais innocente em

materia de therapeutica, mas que são ainda os mais preciosos e mais uteis.

A Dosimetria serve-se pois de agentes chimicamente puros, agentes de toda a confiança, com os quaes obtem no tratamento das doenças resultados que em nada a envergonham perante os praticos que não a adoptam; antes lhe dão motivo de vangloriar-se e a auctorisam a apresentar-se de cabeça erguida, firme e resoluta.

No fim d'este nosso trabalho daremos a lista dos agentes de que a Dosimetria se serve hoje para combater as doenças. Por ella se verá que é reduzido o numero d'esses agentes, principalmente comparando-o com o dedalo interminavel de formulas e com a multidão incommensuravel de substancias que se encontram nos classicos formularios allopathas.

Todos os alcaloides são verdadeiros modificadores vitaes. A maior parte têm uma acção tonica ou incitante sobre os tecidos: todos elles moderam ou regularisam as funcções dos órgãos. A sua composição chimica está hoje determinada, (pelo menos para a maior parte), graças aos progressos incessantes da sciencia de Lavoisier, de Dumas, de Wurtz e de Bertellot. As suas propriedades physiologicas e therapeuticas são conhecidas, graças aos trabalhos experimentaes de uma infinidade de medicos, de chimicos e de toxicologistas. E, se ha ainda algumas duvidas a respeito da constituição chimica e das propriedades de alguns d'elles, não vemos n'isso motivo para deixarem de ser applicados therapeuticamente,

desde o momento em que a observação clinica nos diz que elles são uteis e vantajosos em determinados casos.

Ê certo que ainda hoje alguns medicos da escola allopatha não fazem uso na sua clinica d'estes agentes, nem aconselham a que se faça, justamente por entenderem que alguns d'elles não estão ainda bem definidos. Mas n'isto não vemos senão incoherencia da parte d'elles; pois que empregam os xaropes, tisanas, decoctos, julepos, electuarios, emulsões, etc., que com certeza são mais mal definidos que os alcaloides.

A medicina, com quanto modernamente tenha adquirido muito louvavelmente a feição caracteristica das sciencias de experimentação, na parte therapeutica conserva ainda, e ha-de conservar por muito tempo, muitas coisas que lhe deu a simples observação. O empirismo nunca talvez deixará de existir n'ella.

Quem ha que saiba, por exemplo, como é que o mercurio cura a syphilis e a quinina as febres intermittentes? Quem é que se pôde gabar de conhecer bem as modificações que se dão na intimidade dos elementos anatomicos do organismo sob a influencia de qualquer agente que vai pôr-se em contacto com elles? Nós o que vemos são simplesmente as alterações somaticas já de certo vulto, as modificações funcçionaes que teem já attingido um certo grao; mas pouco ou nada sabemos a respeito do modo como umas e outras se produziram. Vemos desaparecer a febre, mas não sabemos como: vemos regene-

rar-se um certo tecido ou órgão, mas não explicamos satisfactoriamente essa regeneração. Nós não sabemos nem o que é a materia, nem o que é a vida, nem o que é a saude, nem o que é a doença; por conseguinte havemos de ser empiricos, não pôde deixar de ser.

E não se pense por isto que nós pretendemos negar ou ter em menos conta a utilidade e vantagens dos trabalhos experimentaes em medicina.

Não, senhores. Pelo contrario, apreciamol-os muito, comprehendemos o seu alcance e reconhecemos o seu justo valor. Nunca serão de mais todos os elogios que se façam aos importantissimos trabalhos dos Cl. Bernard, dos P. Bert, dos Vulpian, dos Charcot, dos Cornil e Ranvier, dos Wirchow, dos Brown Séquard, e de tantos outros illustres e prestantissimos sabios, a quem a sciencia deve incontestavelmente relevantes serviços. Elles teem aperfeiçoado immenso a physiologia, teem creado e desenvolvido a anatomia pathologica, teem enriquecido a materia medica, teem contribuido muito para que a hygiene seja cada vez mais bem comprehendida e praticada, etc.

Entretanto, em materia de therapeutica, nós continuamos a affirmar que a observação clinica é em muitos casos a unica que pôde e deve decidir o medico pelo emprego d'estes ou d'aquelles meios, a unica que o pôde levar a proceder d'esta ou d'aquella maneira, a seguir ou deixar de seguir este ou aquelle caminho.

E dizemos isto sem reboço, porque sabemos

(o que aliás todos sabem) que não raras vezes succede que os dados fornecidos pela experiencia a respeito de uma dada substancia medicamentosa estão em completa contradicção com os resultados colhidos na clinica pelo emprego d'essa mesma substancia.

E não admira nada que assim aconteça, desde que se sabe que a maior parte das experiencias são feitas em animaes, occupando muitas vezes na escala zoologica um lugar bastante afastado do homem, tendo por isso uma organização differente, uma resistencia vital diversa, estando em fim em condições muito outras das que se realisam no homem doente. Isto é reconhecido e attestado por todos.

Dujardin Beaumetz, fallando a respeito da acção dos calomelanos como cholagogos¹, mostra-nos bem a differença que ha entre os effeitos d'esta substancia, quando empregada em experiencias physiologicas, e os resultados colhidos da mesma substancia na clinica. Ouçamos o que elle diz :

« Se ha em clinica um accordo unanime em admittir a acção cholagoga dos calomelanos, o mesmo accordo e a mesma unanimidade se encontram no terreno physiologico para regeitar essa acção. Consultae as experiencias de Scott,

¹ D. Beaumetz — *Léçons de Clinique Thérapeutique* — t. 2.º, pag. 25.

de Mosler, de Kolliker, de Muller, de Röhrig, de Rutherford, de Bennet, etc.; todos vos responderão que os calomelanos não augmentam a secreção da bile no cão, mas, pelo contrario, a diminuem. »

Pergunta em seguida como conciliar resultados tão oppostos? Custa-lhe a admittir a explicação que alguns medicos teem dado do facto, explicação que nos parece justa e racionalissima. Para nós é ponto de fé que essa explicação só pôde achar-se nas condições especiaes em que se collocaram os diversos experimentadores, condições que dão um resultado inteiramente differente do que se observa no homem, com especialidade no homem doente. Ha uma differença enorme, ninguem pôde negal-o, entre um cão curarizado e vivendo apenas pela respiração artificial e o homem.

As mesmas contradicções que acabamos de mencionar entre os effeitos physiologicos experimentaes e os effeitos therapeuticos dos calomelanos, notam-se tambem, segundo confessa ainda D. Beaumetz, a respeito de muitas outras substancias. A respeito dos carbonatos alcalinos diz elle: «A clinica, baseando-se sobre um grande numero de observações, diz que os carbonatos alcalinos, e particularmente as aguas carbonatadas sodicas, teem uma acção curativa nas affecções do figado; e a experimentação affirmamos que esses mesmos carbonatos em vez de augmentarem a secreção da bile, a diminuem. »

Assim pois, vê-se que, sob o ponto de vista das affecções do figado, não é sufficiente que a experimentação se pronuncie d'este ou d'aquelle modo sobre uma dada substancia, para que desde logo o clinico adopte esse modo de vêr; é também preciso que a propria clinica confirme ou infirme essa experimentação.

O que diz D. Beaumetz relativamente às doenças do figado, aos calomelanos e carbonatos alcalinos, podia dizel-o a respeito de muitas outras doenças e das substancias medicamentosas que se costumam empregar para as combater.

É por isso que a Dosimetria, sem desconhecer ou menospresar a utilidade e importancia dos trabalhos experimentaes, pois que também ella é experimental; ainda assim, volta uma grande parte da sua attenção para os dados clinicos. Não lhe importa tanto o saber como certo alcaloide vai produzir no organismo estas ou aquellas modificações salutaes, como lhe importa saber que elle as produz effectivamente. Se ella com os seus alcaloides e com o seu modo de administração consegue realisar de um modo facil o tam almejado *cito, tuto et jucunde*, de Celsio; se os medicos dosimetristas, que todos ou quasi todos já foram allopathas, comparando os resultados que agora obteem do novo methodo com os que obtinham do antigo, acham aquelles em tudo superiores a estes, parece-nos que isto é o sufficiente para os justificar.

Note-se que nós não estamos aqui de proposito e caso pensado a defender a Dosimetria e a

atacar a Allopathia, ou quaesquer outras doutrinas, processos ou methodos therapeuticos. Não nos julgamos com auctoridade para tanto, e seria ridiculo se em tal pensassemos. Apresentamos simplesmente a nossa opinião e o nosso modo de pensar, apoiando-nos em auctoridades insuspeitas. Entendemos que o emprego dos alcaloides ou principios immediatos definidos e no maior estado de pureza que for possivel obtel-os, deve prevalecer e dominar toda a therapeutica; e isto porque os julgamos como os meios mais proprios e mais convenientes para o medico conseguir o fim que necessariamente tem em vista no desempenho da sua nobre e santa missão — curar ou alliviar.

Insistiremos ainda um pouco sobre este ponto da differença entre os dados da experimentação e os resultados clinicos.

Sabemos que não damos novidades à sciencia nem n'este nem n'outro qualquer ponto de que nos occupemos; mas tambem suppomos que não podem ellas ser exigidas a quem, como nós, acaba o seu tirocinio escolar, durante o qual teve quando muito o tempo indispensavel para aprender a estudar. Qualquer individuo n'estas condições ha-de por força fazer obra pelo que lhe dizem os livros e pelo que pode colher dos seus professores.

Como já se disse e é sabido, a maior parte das experiencias para conhecer do valor ou da acção dos agentes pharmacologicos são feitas em animaes, e são feitas principalmente pelos physiologistas e toxicologistas. Ora, consultando nós,

entre outros, o tratado de *Materia Medica* de *Giacomini*, encontramos là o seguinte, que bem prova quão erradas podem ser as consequências a que seremos levados, quando dos resultados d'essas experiencias quizermos deduzir o que deve passar-se no organismo humano.

Diz-se alli que nos mares da *America do Norte* e da *Asia* vive uma especie de peixe, congenero da sardinha, peixe que é venenoso para o homem só em certa estação do anno.

A explicação que se pretende dar d'este facto é a seguinte: o peixe a que nos estamos referindo alimenta-se de certos vegetaes que vivem às bordas do mar n'aquellas paragens, ou segundo outros, de meduzas; mas só n'aquella época do anno e não nas outras. D'onde se conclue que n'esses vegetaes ou animaes de que o peixe se nutre, deve existir um principio qualquer que, sendo venenoso para o homem, não o é para elle.

O carneiro pôde supportar doses enormes de *Kermes*; as gallinhas comem a noz vomica juntamente com o joio e, não só não morrem com ella, mas engordam e passam optimamente; os tordos comem as sementes da cicuta; a perdiz, as do louro-cerejo; o porco come impunemente a raiz do meimendo, e a cabra devora o helleboro e a cicuta.

Muitos outros exemplos n'este sentido podiamos mencionar, pois que se encontram em quantidade que farte; mas suppomos que estes bastarão.

É facto que se costumam escolher para as experiencias aquelles animaes, cuja organização mais se approxima da do homem (cães, coelhos, gatos, macacos, etc.); mas isto mesmo com quanto diminua em certo grão, as causas de erro, não as faz desaparecer todas. Pois se até no proprio organismo humano nós vamos encontrar as mesmas differenças, a mesma diversidade de resultados, segundo a experiencia ou observação é feita no estado de saude ou no estado de doença, na creança ou no adulto, no homem ou na mulher, segundo as doses que empregamos são physiologicas ou toxicas, etc., etc.

Diz o snr. Bernardino Antonio Gomes, chimico habil e professor distinctissimo que foi na Escola Medica de Lisboa: ¹

« A experiencia feita nos animaes não dispensa a observação feita no proprio organismo humano; e ainda assim é necessario consultar o que se passa no seu estado normal e no de doença, porque teremos de reconhecer mais de uma vez, que em certos estados morbidos a economia recebe a impressão dos agentes pharmacologicos por uma forma muito especial, e que de modo nenhum pode deduzir-se do que se observa nas condições normaes ou n'outros estados morbidos, em que se empregam os mesmos agentes. »

Dujardin Beaumetz, que não nos cançaremos

¹ B. A. Gomes — Elementos de Pharmacologia Geral — pag. 21.

de citar, porque sentimos por elle uma certa predilecção, não é menos explicito a este respeito. Falando, por exemplo, da *hamamelis virginica*,² de cujo emprego diz ter tirado optimo resultado no tratamento das hemorrhoides, affirma-nos que a acção anti-hemorrhoidaria d'esta planta não acha nenhuma explicação em seus effeitos physiologicos, que são absolutamente nullos nos animaes.

Referindo-se à diversidade das opiniões que tem sido emitidas a respeito dos effeitos da cafeina sobre o coração, diz: «Uns, como Gentilhomme, sustentam que a cafeina não tem acção nenhuma sobre o coração; outros, como Trousseau, Rognetta, Deltel, Sabarthez, etc., admittem que ella accelera as pulsações do coração; outros, emfim, como Caron, Meplain, Fonsagrives, sustentam que ella as retarda.»³

Pergunta em seguida, d'onde provirão estas divergencias?

É elle mesmo quem se encarrega de responder, dizendo-nos que os effeitos toxicos dos tonicos do coração são oppostos aos effeitos therapeuticos; e acrescentando que ao passo que a cafeina em dose moderada diminue as pulsações cardiacas, augmentando a tensão vascular, isto é, actuando como tonico do coração, em dose elevada augmenta essas pulsações e perturba-as.

Encontramos ainda no celebre e celebrado

² D. B. Loc. cit. — t.º 1.º pag. 790

³ Idem, pag. 65.

auctor de que vimos falando um sem numero de asserções e de provas no sentido das que acabamos de mencionar. Na impossibilidade de falarmos de todas ellas, limitar-nos-hemos a accrescentar algumas palavras sobre o que se lê na pag. 116 do T.^o 1.^o

Trata-se da acção do aconito e da acontina. A respeito do primeiro, diz-se pouco mais ou menos o seguinte: Oulmont, cujos estudos sobre o aconito são bastante completos e notaveis, affirma que esta planta possui propriedades toxicas e therapeuticas differentes.

De ordinario, emprega-se o aconito sob a forma pharmaceutica de alcoolatura de folhas, preparação esta a que o proprio D. Beaumetz chama infiel, affirmando que mesmo em doses muito elevadas, dà resultados pouco sensiveis.

Referindo-se em seguida à aconitina, principio obtido de ha muito no estado crystalisado e puro, um alcaloide que tam assignalados serviços presta diariamente à Dosimetria, elle manifesta receio de a empregar pela sua demasiada actividade, e marca para limite maximo da dose 2 milligrammas nas 24 horas!

Ora isto não pôde deixar de fazer rir a todos os medicos dosimetristas e a muitos que o não são. Aos primeiros, porque todos elles teem com certeza empregado muitas vezes a aconitina em doses muito mais elevadas — $\frac{1}{2}$ milligramma de meia em meia hora ou de quarto em quarto de hora, até effeito, — sem jámais verificarem resultados que justifiquem um tal receio: aos segundos, por-

que ou tambem já teem feito isto mesmo, ou se nunca o fizeram, sabem pelo menos que se pôde fazer e se faz.

De tudo o que fica dito se conclue que na practica da therapeutica o medico deve ter principalmente em vista os dados clinicos a respeito das substancias que emprega. Se a observação clinica lhe diz que este ou aquelle agente medicamentoso tem por effeito modificar favoravelmente em maior numero de casos certos estados morbificos do organismo, elle não deve hesitar em os empregar, embora os resultados da experimentação não sejam de molde a auctorisar tal procedimento. A Dosimetria, escolhendo os alcaloides como armas mais precisas de combate, applica-os sem receio, porque tem a certeza de que, se não são infalliveis, são pelo menos os meios com que mais facilmente ella pôde colher o resultado desejado, que vem a ser a cura ou o allivio do doente.

B) *Modo de applicação* — Este assumpto é bastante vasto e complexo; por isso, para facilidade e commodidade da exposição, subdividil-o-hemos em varios paragraphos,

§ I — *Opportunidade da intervenção*. — Na therapeutica official é esta questão da oportunidade uma das que mais se tem debatido, das que tem levantado em todos os tempos mais divergencias, e a respeito da qual ainda hoje não ha uma solução que satisfaça. Fica ao arbitrio de

cada um o intervir ou deixar de intervir em presença de um determinado estado morbido. Aqui ha campo vasto para todos os pensaes, ensejo para todas as opiniões.

Effectivamente, quem ler certas estatisticas e quizer decidir-se a fazer obra por ellas, fica realmente perplexo. Temos visto varias estatisticas em que se faz, por exemplo, o estudo comparado da mortalidade dos individuos atacados de uma mesma doença, n'uma dada occasião, e segundo os variados processo de tratamento que foram adoptados: ora, sendo um d'esses processos a abstenção absoluta de toda a medicação, a expectação pura e simples, é de notar que em algumas se encontra precisamente para este processo o resultado mais favoravel.

Longe de nós o negar a utilidade das estatisticas na sciencia; pelo contrario, reconhecemos as suas vantagens n'um grande numero de casos, sabemos que ellas são um factor poderosissimo na constituição da propria sciencia, tornam-se mesmo indispensaveis muitas vezes. Mas o que é facto é que o medico, que se guiar simplesmente pelo que lhe dizem as estatisticas, segue um caminho errado e não lhe hão de faltar motivos de arrependimento e occasião para decepções.

Todos sabem e comprehendem os vicios de que podem estar eivadas as estatisticas, com especialidade as de medicina: não nos occuparemos aqui d'elles, porque não queremos alongar demasiado o nosso trabalho.

Como iamós dizendo, os medicos allopathas

não estão de accordo sobre a oportunidade da intervenção therapeutica. Querem uns que se intervenha sempre; outros, admittem a intervenção logo no primeiro periodo das doenças, no chamado periodo preparatorio ou dynamico; outros opinam que o medico só deve entrar em combate depois de a doença já estar bem constituida e feito o diagnostico.

Lembra-nos a este proposito uma discussão que houve, ha alguns annos, na « Société Médicale des Hopitaux » de Paris, e de que nós temos conhecimento pela « Gazette Hebdomadaire de Médecine et Chirurgie » da mesma cidade. Tratava-se da febre typhoide, a respeito da qual dois membros distinctos d'aquella sociedade, — MM. Dumontpallier e Tenneson, — emittiram as duas opiniões seguintes :

Dumontpallier diz crer « que não ha medico capaz de ficar de braços cruzados em presença de um caso grave de febre typhoide. Tenneson responde « que, não obstante, é isso o que sempre faz. »

A Dosimetria tem por divisa intervir sempre e a proposito, e tanto mais feliz se julga, quanto mais cedo pôde surprehender a doença. E isto parece-nos racional, porque entendemos que, por um lado, o medico não pôde nem deve, sem faltar aos deveres do seu sagrado ministerio, cruzar os braços ante um caso morbido qualquer, grave ou leve; por outro lado, cremos não haver ninguem que conteste a possibilidade e facilidade maiores de curar as doenças no seu principio, do que em

um periodo mais avançado. Um incendio que começa a atear-se, pôde ser atalhado apenas com o dispendio de alguns litros de agua e com muito pouco trabalho; ao passo que se se deixa ganhar incremento, se se lhe consente que se aposse de toda a casa, difficilmente será combatido, antes na maioria dos casos elle se extinguirá sômente quando houver devorado todos os materiaes que lhe podiam servir para se alimentar.

Que importa, portanto, à Dosimetria não ter algumas vezes na mão o diagnostico nosologico da doença que vae combater? Que lhe importa, por exemplo, saber se sim ou não seria ou viria a ser uma *pneumonia* a doença de um individuo que se lhe apresentou com os symptomas iniciaes e mais ou menos caracteristicos que convem à *pneumonia*? Ella combate-a como se o fôra, e não tem que se arrepender d'isso. Desde que tem a minima suspeita de qualquer desvio do typo physiologico, ella intervem e intervem energicamente. Assim consegue prevenir, e jugular muitas doenças, que, sendo surprehendidas no seu começo, cedem facilmente o passo.

Ainda não vai longe o tempo em que a jugulação das doenças agudas era considerada como uma chimera. Acreditava-se na sua evolução cyclica, fatal, e tinha-se não só como inutil, mas até como nocivo, o tentar combatel-as. Julgava-se que o seu abortamento era em extremo prejudicial ao organismo. Ainda hoje mesmo ha quem apoie encarniçadamente essa doutrina.

Ora nós tambem não cremos que toda e qual-

quer doença aguda seja jugulavel, em qualquer estado que se encontre; mas no primeiro periodo, quando ainda as lesões estão, por assim dizer, antes na função do que no órgão, suppomos praticavel, relativamente facil e util tal jugulação.

Nos jornaes de Medicina Dosimetrica que desde ha muito se publicam em varias linguas, e nos livros já hoje escriptos sobre este methodo, tanto pelo auctor do mesmo, como por varios adeptos fervorosos que o abraçaram de alma e coração, livros que formam já uma bibliotheca de mais de cem volumes, encontra-se descripto um numero respeitavel de casos authenticos de jugulação. E não é só na Dosimetria, diga-se em abono da verdade, que elles se encontram; a allopathia tambem conta alguns, a despeito mesmo da repugnancia que teem muitos dos seus adeptos em os admittir.

A questão principal está certamente em não perder de vista o utilissimo conselho do poeta Sulmonense, quando diz:

*« Principiis obsta, sero medicina paratur,
Cum mala per longas invaluere moras. »*

conselho que nós vemos mais aproveitado pela Dosimetria do que pelos outros systemas therapeuticos, e é talvez por isso que aquella conta relativamente maior numero de jugulações do que estes.

Diz-se geralmente que tendo muitas molestias uma tendencia natural a desaparecerem só com

os esforços da natureza medicatriz, não se justifica a intervenção do medico em todos os casos, e muito principalmente a intervenção energica.

Não desconhecemos, nem deixamos de ter na justa consideração que merece, a força medicatriz da natureza, sabemos que ella de per si é muitas vezes capaz de fazer desaparecer um certo estado morbido, levando o organismo doente ao seu estado hygido; mas nem por isso deixaremos de apoiar o principio da intervenção activa e constante. E isto porque não sabemos, por exemplo, se uma bronchite ou um embaraço gastrico, que hoje se nos apresentam com um character dos mais benignos, amanhã nos offercerão já symptomas alarmantes que nós poderíamos ter prevenido. Antes quereremos ter na nossa practica um grande numero de casos em que possamos dizer para comnosco — talvez não fosse preciso empregar uma medicação tam energica, porque a doença era leve — e não termos um unico em que a nossa consciencia nos accuse de não havermos cumprido com o nosso dever, addiando para o dia seguinte aquillo que poderíamos ter feito no antecedente, deixando assim que por nossa culpa a doença que estava em principio e que podia talvez ser jugulada, se radique e se apodere do organismo a ponto de nos ser extremamente difficil ou mesmo impossivel lutar com ella com vantagem.

Respeitamos muito, como todo o practico deve respeitar, o *primo non nocere*; mas é por isso

mesmo que nos inclinamos decididamente para a intervenção systematica: porque estamos convencido de que com os medicamentos puros embora energicos, que a Dosimetria emprega, applicados segundo os preceitos que ella aconselha, nunca vamos prejudicar o doente.

O medico não deve attender sómente a que o medicamento seja inoffensivo; é preciso mais alguma coisa. Bem inoffensivo é, por exemplo, o xarope de avenca, o que não impediu a que um illustre clinico da escola official, um mestre na verdadeira accepção da palavra, dissesse d'elle o seguinte:

«Pode dizer-se sem paradoxo que o innocente xarope de avenca tem feito mais victimas do que o fulminante acido prussico.¹ O tempo é vida continua elle, e o grande perigo dos meios chamados caseiros está em fazerem perder um tempo precioso, que se poderia aproveitar melhor, e em inspirarem uma confiança injustificada, substituindo-se a meios mais efficazes e activos.»

Todos estão d'accordo em que um mesmo medicamento ou uma mesma substancia applicada ao organismo pode produzir efeitos venenosos terriveis, ou pelo contrario, produzir só efeitos therapeuticos salutaes, ou ainda não produzir

¹ Fonssagrives — Traité de thérapeutique appliquée. T.^o 1.^o pag. 479.

absolutamente nenhuns effeitos apparentes. Tudo depende da dóse e do modo como são ministradas as substancias.

Mais adeante nos occuparemos d'esta questão das doses. Por agora concluiremos em poucas palavras o que tínhamos a dizer sobre a oportunidade da intervenção therapeutica, dizendo com o snr. Oliveira Castro ¹. «O unico principio intuitivo que pode regular a oportunidade da intervenção medica, é combater todas as doenças logo no seu começo porque os nossos meios são então mais efficazes; as lesões materiaes são menos profundas e mais simples as funcçionaes; a conservação da vitalidade està na razão inversa da duração, da gravidade e das complicações da doença; a doença dura menos tempo, d'onde maior economia, menor convalescença e menos prejuizo por cessação de trabalho; a arte conserva e augmenta o seu prestigio, porque são mais sensiveis os resultados therapeuticos, d'onde resulta para o doente fé mais viva na clinica, o que é auxiliar poderoso para a cura da molestia, não só pelo estado moral que essa fé anima, como pela melhor observancia das nossas prescripções e pela mais prompta requisição dos soccorros medicos.»

§ II—*Indicações.*—Em linguagem medica costuma definir-se indicação, pouco mais ou menos,

¹ O. Castro.— Defeza da Dosim. pag. 44.

do modo seguinte: a noção fornecida pelo exame de um doente e pela investigação e apreciação das circumstancias que precederam a doença, d'onde se pôde deduzir o tratamento a empregar.

Galeno, que se occupou largamente d'este assumpto, deu uma definição mais resumida, que é: «A insinuação do que convem fazer para tratar uma doença.»

Bouchut no seu livro de Pathologia Geral divide as indicações em prophylacticas e curativas ou therapeuticas. Outros auctores fazem outras divisões que não veem agora para o caso.

O medico que é chamado à cabeceira de um doente, é, na maioria dos casos, depois de haver examinado esse doente, obrigado a formular qualquer coisa. O doente em geral não fica contente comsigo mesmo nem satisfeito com o medico, quando este não receita.

Por outro lado é tambem certo que n'um grande numero de casos o medico, desde a primeira vez que vê um doente não poderá logo assentar um diagnostico seguro da doença; já porque á falta de tempo, ou de meios de exploração ou por outra qualquer circumstancia, não fez um exame tão attento e demorado como era mister, já porque a doença não estava ainda definitivamente constituida n'aquella occasião, já pela grande difficuldade que ha muitas vezes, como todos sabemos, em differenciar bem um certo estado morbido de outros estados morbidos seus congeneres, etc., etc.

Ora como o medico tem de receitar, não pôde

n'estes casos deixar de dirigir a sua attenção para algum ou alguns dos symptoms mais importantes que se lhe offerecem, objectivos ou subjectivos, e combatel-os até descobrir a verdadeira causa da doença ou o elemento pathogenico que determina aquelle soffrimento. Faz por conseguinte medicação symptomatica em taes casos. Satisfaz a uma indicação.

Mais tarde quando o medico já està bem inteirado da natureza da doença, quando já conhece perfeitamente qual o processo morbido que alli se està realisando, quando já tem feito o seu juizo sobre a extensão e intensidade d'esse processo morbido e sobre a causa que o originou, quando enfim tem colhido todos os elementos precisos para estar habilitado a attacar directamente a doença d'aquelle individuo; ainda n'estes casos não lhe hão-de faltar occasiões de se ver obrigado a combater de preferencia ou exclusivamente certos symptoms.

Se nós pudessemos chegar à perfeição de, em qualquer momento que vemos um doente, conhecermos desde logo e sempre qual a natureza da doença e a sua verdadeira etiologia; e se, sabido isto, pudessemos dispôr sempre de meios convenientes para a attacar de frente, este ataque seria sem duvida o mais sensato, o mais util, o que ninguem deixaria de practicar. Ninguem n'estas condições se deixaria ficar na expectação, porque seria um crime; ninguem respeitaria a chamada evolução ciclica, porque seria deshumano e cruel.

Mas infelizmente estamos longe de chegar a esse grão de perfeição. Se a natureza da doença, a extensão e intensidade dos processos morbidos nos são muitas vezes perfeitamente conhecidas; pelo que diz respeito ao elemento etiologico escapa-nos na maioria dos casos, e quanto aos meios convenientes e seguros de tratamento também não existem sempre.

Teem-se descoberto tantos remedios para a tísica. Hoje é por exemplo o arsenico, o iodoformio, o oleo de figado de bacalhau, etc., amanhã tem a primazia o ar rarefeito; depois as injeções sulfo-carbonadas, que em breve cedem o passo ao acido fluorhydrico: — e de resto, a tísica vai fazendo cada vez mais victimas, zomba de todos e de tudo.

O mercurio cura a syphilis; não obstante estamos a ver todos os dias individuos syphilisados rebeldes a todo o tratamento, e que depois de ingerirem porções enormes de mercurio sob todas as formas e feitios, lá vão pagando o seu tributo à implacavel parca victimados pelo terrivel mal.

O mesmo podiamos dizer da quina contra as febres intermittentes, dos salycilatos contra o rheumatismo, e de tantos outros medicamentos que teem adquirido fama d'infaliveis em determinadas doenças. E se isto acontece assim com estes medicamentos, a que não hesitamos em chamar especificos, o que succederá com outros que ainda não tiveram a dita de grangear tal nome?

Já se vê, pois, que de duas uma: ou os meios

são insufficientes, improprios ou incapazes de attingir a causa da doença e de fazer desaparecer essa doença; ou então tal causa e doença nos são desconhecidas.

Mas admittindo que causa e doença são perfeitamente conhecidas, o medico tratará de as combater pelo methodo mais racional; isto é, dirigirá desde logo sua attenção para a causa, se é que ainda existe, em seguida para a natureza do processo, e por ultimo para os symptomas ou accidentes secundarios. Escusado será dizermos que esta ordem é e precisa de ser muitas vezes alterada, assim como que, na maior parte dos casos, se pôde attender simultaneamente aos tres pontos. O primeiro e o segundo constituem a indicação *dominante*; o terceiro, a *variante*.

Na Dosimetria, não obstante mais de um secretario da therapeutica usual a ter apodado de *medicina symptomatica*, attende-se devidamente a estas duas indicações. Dispõe para isso de meios convenientes; e, com quanto em numero muito reduzido comparados com a alluviação estonteadora de formulas e de substancias dos dispensatorios allopathicos, ainda assim em quantidade e qualidade sufficientes geralmente para as necessidades da practica. Ella tem o seu arsenal já bastante provido, e não é por falta de armas que ella deixará de fazer frente ao inimigo.

Tem-se accusado a Dosimetria de servir-se dos mesmos meios para quasi todas as doenças: sempre a *strychnina*, sempre a *quassina*, sempre a *aconitina*, a *veratrina*, a *digitalina*, etc.

Ora, a estas arguições, como a algumas outras que lhe teem assacado e de que fallaremos adeante, responde ella com os factos. Ella dà-se bem com o seu modo de obrar, colhe resultados de todo o ponto satisfactorios, que mais quer?

A *strychnina* acompanha effectivamente quasi todas as medicações, entra no tratamento de quasi todas as doenças, porque quasi todas ellas n'um ou n'outro periodo, n'uma ou n'outra phase de sua existencia, demandam o emprego de tal agente.

As doenças são quasi todas *asthenicas*, o *systema nervoso* resente-se quasi sempre mais ou menos, e nós não conhecemos melhor tonico para o *systema nervoso*, melhor incitante da vitalidade, do que a *strychnina*. A *aconitina*, a *veratrina*, a *digitalina* e a *quinina* são defervescentes preciosissimos, além de outras propriedades importantes que possuem; por isso não podem deixar de constituir a base do tratamento, ou pelo menos de acompanhar essa base, em todas as doenças em que houver um certo estado de *pyrexia*. A *quassina*, como tonico do *apparelho digestivo*, especialmente do *ventriculo gastrico*, como *apperitivo*, é excellente, e estas qualidades justificam bem o seu emprego tam frequente em *Dosimetria*.

Mas, nem a *Dosimetria* se serve sempre dos mesmos agentes para todas as doenças, nem deixa de attender a todas as indicações. Precisa até muitas vezes de associar ou de alternar varias substancias medicamentosas (pelo que tam-

bem alguém tem chegado a dizer mal d'ella), porque assim consegue debellar os variados symptomas com mais facilidade, combatendo estes ao mesmo tempo que a causa.

Se houvesse um remedio especifico para cada doença, é claro que todo o medico, desde que fizesse o seu diagnostico, lançaria mão exclusivamente d'esse remedio, sem se importar com os outros. Mas a questão é que, não só se não conhecem especificos para cada doença, mas até não existe especifico para nenhuma. O medico quer seja dosimetrista quer não seja, ha-de a cada passo vêr-se obrigado a variar de medicação e a fazer polypharmacia.

Mas a polypharmacia tem sido e é ainda hoje condemnada por bons auctores. Como conciliar então estas duas coisas? Parece-nos que a verdade estará n'um meio termo, como quasi sempre. Nem apoiamos a monopharmacia systemática, nem a polypharmacia no sentido que lhe dão os que a combatem, e do modo como é muitas vezes practicada em allopathia. É verdade que hoje rarissimas vezes já o medico allopatha receita essas theriagas em que entravam substancias de propriedades as mais differentes e oppositas — estimulantes, adstringentes, calmantes, tónicos, anti-spasmodicos, etc. — em numero de mais de 70 só n'uma formula! Mas adopta ainda muitas vezes formulas bastante complexas, em que entra um numero consideravel de principios, cuja resultante lhe é impossivel determinar *à priori*.

A Dosimetria, receitando, por exemplo, simul-

taneamente a aconitina, digitalina, veratina, estrychnina e morphina, faz menos polypharmacia do que a allopathia formulando só o opio.

Terminamos este paragrapho, repetindo as seguintes judiciosas palavras, que encontramos algures: *Medicus est naturæ minister et interpreter.*

§ III — *Doses.* — Se ha realmente em medicina um ponto, a respeito do qual existam ainda hoje muitas divergencias de opinião, a desharmonia mais accentuada entre os auctores, é com certeza este das doses. Não é facil encontrar nos variados e volumosos formularios, nos numerosos e extensos tratados de materia medica, duas formulas de uma mesma substancia que condigam exactamente uma com a outra.

Começam os auctores por não concordarem sobre o sentido em que deve ser tomado este termo — dose. — Querem uns que por dose se entenda a quantidade de substancia medicamentosa que deve ser ministrada a um doente adulto no espaço de 24 horas: querem outros que tal palavra represente apenas a porção de medicamento que o doente póde receber de uma só vez. Ora, quer n'um quer n'outro caso, a dose precisa de variar tanto, as circumstancias que para isso concorrem são tão numerosas e complexas, que não admira nada a existencia de taes divergencias e falta de harmonia. Admirava sim, se succedesse justamente o contrario.

Não é possivel fixar *doses à priori*, porque nunca podemos ter a certeza do effeito, senão

depois d'este se haver produzido. Tal individuo que em determinadas condições obteve o effeito desejado e conveniente com a dose A, n'outras condições não chegará a obter effeito nenhum ou obterá effeito de mais com a mesma dose A. O effeito depende sem duvida em grande parte, da qualidade e quantidade do remedio; mas a difficuldade está em determinar de antemão qual seja a quantidade indispensavel para obter esse effeito. Nada se pode inferir de um doente para o outro, nem ainda para o mesmo doente. O clinico tem sempre deante de si o desconhecido e o incerto, é sempre levado a obrar por tentativas ou por approximações.

Por isso o methodo das doses fixas, a intervenção therapeutica segundo os preceitos das *maxima* e *minima*, está longe de satisfazer, não pôde inspirar a menor confiança. Quem se regular cegamente por elle, ha de por força colher innumeradas decepções e desenganos amargos.

A Dosimetria ainda aqui se impõe como methodo racional e seguro, pois que nos diz o seguinte: — Quereis obter um effeito de uma dada substancia? Dae essa substancia até effeito.

Sabemos que este preceito, que é um dos caracteristicos do methodo dosimetrico, e que nos parece que todo o practico devia adoptar, tem servido aos adversarios da doutrina burggrae-viana de arma de combate contra a mesma doutrina. Não podem conformar-se com elle ainda hoje muitos medicos da escola allopathica, e invocam para isso varias razões. Dizem, por exem-

plo, que a Dosimetria, servindo-se quasi que exclusivamente de alcaloides, principios muito energeticos e alguns d'elles ainda mal definidos; e demais, usando ministrál-os de preferencia pela via estomacal, não se justifica a practica que ella aconselha de dar medicamentos até effeito; practica que pôde vir a ser muito perigosa, por isso que, além de outros inconvenientes que elles apontam e que seria fastidioso enumerar aqui, os medicamentos assim ministrados podem accumular-se no organismo e produzir n'um dado momento effeitos terriveis.

Dujardin Beaumetz é um dos que sustentam que as substancias medicamentosas, com especialidade os alcaloides, introduzidos no organismo pela via gastrica, se accumulam no figado; que ahi se demoram, se modificam, ou mesmo se destroem, segundo apraz a esta viscera.

Em abono de tal asserção citam-se varios factos de mais ou menos peso, factos que nós não negamos, nem pomos em duvida, por isso mesmo que são factos; mas que de modo nenhum nos levam ao convencimento de que as coisas se passem exactamente como querem D. Beaumetz e outros. Alguns d'esses factos são os seguintes:

Primo—A maior energia e promptidão com que actuam as substancias medicamentosas, quando introduzidas pela via hypodermica ou pelas veias. Os medicamentos n'este caso entram directamente na circulação geral e manifestam rapidamente toda a sua acção na economia; o que

já não acontece quando são introduzidos pela via estomacal, porque teem de passar pelo figado.

Secundo — A innocuidade de certos venenos (o curara, por exemplo), quando introduzidos pela bocca, ao inverso do que acontece, quando são ministrados de outro modo. N'aquelle caso, taes substancias seriam modificadas ou destruidas pelo figado.

Ora o que é certo é que estes factos são o resultado de experiencias feitas em animaes ou órgãos de animaes em condições muito differentes d'aquellas em que estão os mesmos órgãos no homem vivo. Já atraz falámos do valor que se deve attribuir a taes experiencias, e por essa occasião accentuámos bem a superioridade que nos merece n'este ponto a observação clinica. Julgamos dispensavel repetil-o aqui. Os factos clinicos estão em opposição com os dados experimentaes.

Alguns exemplós: Schiff diz-nos, fundado nas suas experiencias, aliás habilmente feitas, que a hyosciamina é destruida quasi por completo ao atravessar o figado. Não obstante, a observação clinica quotidianamente nos està a dizer que não deve ser assim, porque pequenas doses de hyosciamina ministradas a um doente, produzem rapidamente effeitos sensiveis, às vezes mesmo bastante sensiveis. Heger diz da nicotina o mesmo que Schiff da hyosciamina. Já vimos que D. Boametx era da mesma opinião a respeito de outros alcaloides. E com tudo nós continuaremos a crer e a affirmar que os resultados da practica therapeutica não confirmam taes asserções.

N'um livro (*Defesa da Dosimetria*) escripto em 1884 pelo nosso particular amigo e distincto clinico, o Snr. Dr. Oliveira Castro, livro em que o seu auctor com uma grande copia de argumentos solidos, com um criterio superior e uma logica de ferro, responde a outro livro (*A Dosimetria*), escripto em 1883 por um dos mais abalizados lentes da faculdade de medicina na universidade de Coimbra, o Snr. Dr. Sacadura Botte, encontramos a pag. 62 as seguintes conclusões, que com a devida venia transcreveremos, por as acharmos muito justas.

Trata-se alli exactamente do mesmo assumpto de que nos estamos occupando; isto é, trata-se de discutir e combater a opinião de Beaumetz e outros a respeito da accumulção das substancias medicamentosas no figado. E diz o Snr. Oliveira Castro. « Se assim fosse teriamos: 1.º Que seria sempre demorada a acção dos alcaloides, especialmente dos derivados das solaneas, quando administrados por via gastrica. 2.º Que os alcaloides administrados por via hypodermica nunca deveriam dar logar a phenomenos de accumulção, na accepção em que esta palavra é tomada por D. Beaumetz. 3.º Que os effeitos dos remedios seriam muito sensiveis e rapidos em todos os casos em que se acham embaraçadas as funcções hepaticas (cirrhose, congestão chronica, etc.)»

E continua «Ora sendo falsas todas estas conclusões, é evidente que as premissas não são verdadeiras.

Mas então o que será dose e como é que em Dosimetria se comprehende esta palavra?

Já vimos que em *allopathia* a noção de dose é o que ha de mais incerto e de mais arbitrario. O emprego das doses maximas não tem razão de ser, porque ninguem pôde prever o offeito que uma dada substancia irá produzir no organismo, em um determinado momento. A dose não se pôde medir nem pela quantidade de medicamentos que o doente ingere nas 24 horas, nem pela que lhe foi ministrada de uma vez só ou n'uma hora ou n'outro qualquer espaço de tempo; porque sabemos que em qualquer d'estes casos essa quantidade de medicamento umas vezes actuará por inteiro, outras só parte d'ella entrará em acção e ainda outras vezes nenhuma parte será aproveitada. Se o medicamento não passa ao sangue, difficil ou impossivel será que elle produza no organismo as modificações desejadas.

Só a parte que n'uma dada occasião gira na torrente circulatoria é que se torna verdadeiramente activa, é que é capaz de produzir taes modificações. Mas esta quantidade depende de circumstancias muito variadas; depende por exemplo, da quantidade de substancia ingerida, do estado d'essa substancia, do grao de solubilidadade, da capacidade de absorpção dos órgãos a quem está incumbida esta funcção, da facilidade de eliminação, etc., etc.

Por outro lado, sendo certo que o medico, administrando uma substancia qualquer, tem unicamente em vista obter um certo effeito, enten-

demos que será melhor chamar dose àquella quantidade de substancia capaz de produzir esse effeito.

Dir-nos-hão que d'esta maneira estamos encerrados n'um circulo vicioso, em que o effeito é determinado pela dose e a dose pelo effeito. Mas se nós não temos outro meio de conhecer a dose, se nos é impossivel calcular anticipadamente a quantidade de substancia activa que ha de ser absorvida n'um tempo dado, nem a que ha de ser eliminada no mesmo tempo, nem a impressionabilidade dos elementos anatomicos do organismo; n'uma palavra, não temos meio de calcular *à priori* o resultado que obteremos.

A Dosimetria, adoptando para norma do seu proceder o emprego das doses fraccionadas e repetidas até effeito, e tanto mais a miudo, quanto mais aguda for a doença, parece-nos estar de harmonia com os dictames da razão e da prudencia. Não dà de mais nem de menos; mas só o preciso.

Não ha perigo de envenenamento, se o medico conhece as armas com que lida e as suas ordens foram cumpridas religiosamente; porque a dose inicial nunca em Dosimetria é sufficiente para produzir envenenamento, e basta que nas doses consecutivas haja a vigilancia conveniente para que, se por acaso se manifestar algum symptoma alarmante antes de obtido o effeito therapeutico, se suspenda immediatamente o medicamento ou se administre a intervallos maiores. O symptoma alarmante desaparecerá em breve

sem ter causado damno sensível ao organismo, porque se obviou logo ao principio e de um modo muito facil às suas tendencias destruidoras, não se deixou progredir, nem se lhe deu tempo para que outros se lhe viessem ajuntar.

Já não são tão faceis de remediar os casos d'esta ordem em allopathia; porque ahi são elles em geral produzidos por quantidades enormes de substancia, que foi ministrada de uma só vez; porque é preciso empregar immediatamente um antidoto que nem sempre està à mão e nem sempre é bem conhecido; porque os estragos são maiores desde o principio e os effeitos são por conseguinte mais desastrosos.

Fica portanto assente que o medico dosimetrista não se importa tanto com a dose ou quantidade do medicamento ministrado ao doente n'um tempo dado, como com o effeito que quer obter ou que obteve. A's doenças agudas applica um tratamento agudo; às doenças chronicas, um tratamento chronico. Attende a todas as indicações e não despreza nenhum dos elementos morbidos. Nas doenças febris inspira-lhe especial cuidado a febre; e combate-a sempre ministrando *coup-sur-coup* os seus poderosos defervescentes. Não lhe importa saturar o organismo com elles e conserval-o assim por muito tempo: acha isso melher do que deixal-o consumir pela febre. É não só o interprete da natureza, auxiliando-a nas suas tendencias para a cura, mas muitas vezes domina a propria natureza.

IV

Principaes objecções feitas á Dosimetria

«La connaissance parfaite des choses dans l'ordre scientifique fait le vrai savant; dans l'ordre pratique et pour la conduite de la vie elle caractérise les sages.»

(Balmes),

1.º *A Dosimetria não é mais que a Homœopathia disfarçada.* — Houve um philosopho que para demonstrar a existencia do movimento, serviu-se realmente do meio mais facil, mais comezinho e ao mesmo tempo mais convincente que podia haver — poz-se a marchar. — Ora, a qualquer individuo, seja ou não philosopho, que queira convencer-se de que a Dosimetria não é a mesma coisa que a Homœopathia, mas que pelo contrario, são muito differentes, ser-lhe-ha tam facil adquirir esse convencimento, como foi facil ao philosopho fazer aquella demonstração. Bastar-lhe-ha simplesmente tomar um granulo dosimetrico qualquer, o primeiro que lhe venha à mão, — estrychnina, aconitina, quassina, iodoformio, etc. — e mastigal-o; e fazer o mesmo a um glo-

bulo homœopathico ou a uma gotta de qualquer das suas diluições. Suppomos não ser preciso mais nada para evidenciar completamente a differença que ha entre uma e outra.

A respeito de alguns pontos doutrinarios ha effectivamente uma tal ou qual analogia entre ellas: assimelham-se por exemplo no modo como ambas consideram a influencia da vitalidade no organismo, o periodo de dynamicidade das doenças, etc.; mas d'ahi até à possibilidade de se confundirem uma com a outra, vai uma distancia enorme. A Homœopathia tem por divisa o — *Similia similibus*; — a Dosimetria inclina-se para o — *contraria contrariis*. — Nas diluições homœopathicas, mormente quando attingem a decima, vigesima ou trigesima dynamisação, não pode existir quantidade appreciavel de substancia activa. Muito menos esta se pode encontrar na centesima diluição!

Hahnemann affirma, é verdade, que quanto mais longe fôr levada a diluição dos principios medicamentosos, tanto mais rapida e penetrante será a sua acção medicinal ¹.

Pelo contrario, nos granulos dosimetricos existe sempre quantidade ponderavel de substancia activa — meio milligramma, um milligram-

¹ Plus on porte loin la dilution, en ayant soin de lui imprimer chaque fois deux secousses, plus l'action médicale que la préparation exerce sur la force vitale en l'état du sujet paraît acquérir de rapidité et devenir pénétrante.

HAHNEMANN — *Organon*, pag. 337.

ma ou um centigramma, conforme a actividade da substancia.

A Homœopathia não sangra, não purga, não faz vomitar nem suar, não prescreve banhos quentes, nem vesicatorios, etc.: a Dosimetria faz tudo isto, quando entende que é occasião propria. A Homœopathia intervem sempre, é verdade; mas, pelo modo como administra os seus medicamentos mais lhe quadra o nome de *expectante*, do que outra coisa: a Dosimetria intervem sempre e com uma energia proporcionada à gravidade do caso, mas nunca adopta a *expectação*.

A Dosimetria não pôde portanto confundir-se com a Homœopathia: são distinctas e até antagonistas. Nunca poderão congraçar-se, sem que alguma d'ellas pelo menos abjure dos seus principios.

A Homœopathia abona-se com factos, aponta muitos casos de cura que attribue aos seus medicamentos, o que não nos admira, porque todos os methodos ou systemas therapeuticos podem fazer outro tanto. Desde que nós vemos produzirem-se curas reaes com a simples suggestão, com pilulas de miolo de pão e com a agua de Lourdes, não temos duvida em admittir tambem as curas pelo methodo homœopathico. Mas o que é certo é que a Dosimetria nos inspira muito mais confiança, como methodo mais seguro, mais racional e scientifico.

A Dosimetria reconhece e admitte no seu seio todos os progressos da sciencia, abraça todas as

descobertas ou innovações que por ventura se façam no campo da medicina, desde que tenha a certeza de que d'esses progressos, descobertas e innovações resulte algum bem para a humanidade. Não é por certo a ultima palavra em materia de thérapeutica, mas suppomos que realisa um grande progresso. Os seus partidarios applicam-na com tanta mais confiança, quanto mais a praticam; o que já não acontece com os sectarios da Homœopathia, que muito raras vezes ou quasi nunca hoje seguem à risca os preceitos do mestre.

2.º *A Dosimetria não emprega senão venenos.*
 —Terrivel accusação! Basta esta para lançar por terra a pobre Dosimetria! Não é preciso mais nada para desmorrnar todo esse castello de cartas que uns loucos, uns visionarios quaesquer, com Burggraeve à frente, se teem entretido em construir. Então as doenças curam-se por ventura com venenos?! Isto é là possivel? Os medicos dosimetristas não só são loucos varridos, mas são mesmo uns perversos, uns assassinos que envenenam os seus doentes! É falso tudo o que elles dizem. As curas maravilhosas que apreçoam são falsas. Elles não podem curar, porque só empregam venenos!.....

Taes são as reflexões que desde logo acodem ao espirito de todo aquelle que, ouvindo formular aquella accusação, se deixar arrastar por impressões superficiaes ou por preconceitos rotineiros, sem ligar grande importancia à verdade dos factos.

Ora, a verdade é que a Dosimetria emprega os alcaloides vegetaes e alguns principios mine-raes, mas todos no maior estado de pureza em que é possível obtel-os. Em vez da belladona, do meimendro, da cicuta, do opio e da digitalis, em que não pode ter confiança, porque não tem meio de saber qual a percentagem ou proporção de principio activo que entra n'uma dada porção de qualquer d'ellas; sabendo por outro lado que essa percentagem está sujeita a infinitas variações segundo uma infinidade de circumstancias que lhe é impossível determinar: em vez dizemos, de empregar essas substancias sempre mal definidas, prefere empregar a atropina, a hyosciamina, a cicutina, a codeia, a morphina e a digitalina. Pelo menos é consequente comsigo mesma, no que leva ainda vantagem à allopathia, que se serve muitas vezes dos alcaloides e condemna a Dosimetria porque emprega os mesmos agentes.

Todos sabem que uma dada substancia, que em certas condições pôde ser um veneno terrivel, fulminante, n'outras condições será não só innocente, mas muito proveitosa para o organismo. Por outro lado, tambem ninguem ignora que a substancia mais innocente pode em certos casos tornar-se extremamente perigosa. Tudo depende da dose, do modo de administração e da oportunidade.

Longe de encontrarmos motivo de accusação contra a Dosimetria no facto d'ella se servir dos alcaloides, longe de fazermos côro com os que

entendem que ella envenena os seus doentes ; nós entendemos antes que ella presta grandes serviços à sciencia e à humanidade, e que por conseguinte merece louvores e não vituperios, deve ser acolhida e não repellida.

Que necessidade haverá de estarmos a encharcar o estomago dos doentes com garrafadas de misturas e pazadas de pós, com essas infusões, decoctos, xaropes, etc., que além do grande inconveniente que teem de nunca podermos saber o que n'ellas entra, teem muitos outros, como são, por exemplo, a difficil conservação, a repugnancia que muitos d'elles causam ao doente, pelo seu mau aspecto, peor cheiro e pessimo sabor, as perturbações digestivas ou outras que de ordinario produzem, etc. : e isto quando temos à nossa disposição meios de obter geralmente e de um modo muito mais seguro, mais commodo e agradável o mesmo ou melhor effeito?

Por ventura quando hoje se quer ministrar iodo a um doente, manda-se-lhe ingerir uma certa quantidade de agua do mar ou de algas marinhas? Por ventura quando um organismo precisa de ferro, de cobre, de zinco ou de antimonio, de enxofre ou de phosphoro, faz-se-lhe comer os minerios d'onde estes productos são extrahidos? Decerto que não. Todo o mundo ministra estas substancias depois de isoladas das suas gangas, depois de reduzidas ao seu maior estado de pureza, sob a forma de saes soluveis ou de qualquer outra que melhor se preste para o fim a que são destinadas. E se assim acontece com os productos

mineraes, se todos estão de accordo em que só d'este modo é que convem que elles entrem no organismo, porque não ha-de succeder o mesmo para com os productos vegetaes? Não serão venenosos o mercurio, o cobre, o chumbo, o arsenico, o phosphoro e tantos outros metaes e metalloides commummente empregados em therapeutica? Não obstante, empregam-se e tira-se bom proveito d'elles.

Não ha pois razão para que se não empreguem os alcaloides vegetaes, que representam o metal livre da sua ganga, que são principios puros e soluveis e que therapeuticamente não são venenos senão nas mãos de quem não souber lidar com elles. Ministrem-se segundo os preceitos do methodo burggræviano, e ver-se-ha que não teem os defeitos que lhes imputam.

3.º *O emprego das doses fraccionadas e repetidas é inconveniente pelo incommodo que causa ao doente.*—Um dos preceitos da Dosimetria é o seguinte: para doença aguda, tratamento agudo; para doença chronica, tratamento chronico. A Dosimetria combate o emprego das doses maximas e minimas pelas razões que n'outro lugar apontamos, e que nos parecem justas e convincentes.

Desde o momento em que està averiguado que não nos é possível calcular *à priori* o effeito que uma dada substancia irá produzir no organismo, desde que ninguem ignora que, em certos casos, uma dose pequenissima pode dar logar a phenomenos perturbadores mais ou menos gra

ves, ao passo que n'outros casos uma dose elevada não produz manifestações de nenhuma ordem; parece-nos justificado o emprego das doses até effeito. A razão, a prudencia a dignidade, tudo nos aconselha a não procedermos de outro modo.

Comparamos o medico ao bombeiro e a doença ao incendio. Ateia-se um incendio n'uma casa. Em certos casos, se o combustivel e comburente não estão em boas condições, o fogo vai lavrando lentamente, manifesta-se apenas por pequenas porções de fumo que apparecem n'um ou n'outro ponto: e o bombeiro que muitas vezes não sabe com exactidão nem o ponto onde está localizado o incendio, nem qual o corpo que se está comburindo, se é prudente, vai lançando pequenas porções de agua n'aquelles pontos d'onde vê sair o fumo, ao mesmo tempo que se esforça por descobrir o corpo incendiado. Pode mesmo conseguir a extincção do incendio, antes de haver descoberto este corpo. Mas, se não andou com prudencia, fez elle mais estragos do que o proprio incendio; e se foi cauteloso, se só empregou a agua precisa e com certo methodo, salvou muita coisa e cumpriu rigorosamente o seu dever.

O fogo rompe voraz e ameaçador, o combustivel é de optima qualidade e o comburente não falta; em pouco tempo toda a casa será presa das chammas e a derrocada não se fará esperar. Então o bombeiro emprega toda a sua energia, trabalha sem descanso, lança agua continuamente até dominar o incendio; não mede nem

lhe importa a quantidade que gasta; em quanto dura o incendio elle deita agua, e só depois de se assenhorear d'elle ou quando já não lhe restam esperanças de salvar coisa alguma, é que affrouxa ou cede na afanosa lide. Se tudo foi bem dirigido, não houve excessos nem omissões, gastou-se o preciso e só o preciso, tanto em material, como em tempo e trabalho.

Com o medico deve succeder a mesma coisa. Se a doença é leve ou não está ainda bem caracterizada, nem por isso a descuro; pelo contrario, vae combatendo os symptomas, empregando para isso os meios apropriados.

Pode muitas vezes fazer desaparecer o estado morbido logo no seu inicio, jugular a doença, do mesmo modo que o bombeiro pode dominar o incendio, se lhe acode a tempo e não o desampara.

A doença é grave, alarmante; o medico redobra de energia e de cuidados, não lhe dá tre-goas, combate-a sem cessar, empregando actividade e meios proporcionaes à intensidade do processo. Não deve ir além, nem ficar àquem, porque em qualquer d'estes casos pode ser prejudicialissimo.

Deve portanto ir só e exclusivamente até onde for preciso e haver-se-ha com tanta mais circumspecção e prudencia, quanto é certo que não conhece todas as forças do inimigo que tem de combater. É um bombeiro que desconhece inteiramente as condições do combustivel que está sendo ou vae ser pasto das chammas: sabe

sô que esse material é fragil e delicado e susceptivel de se deteriorar com a maior facilidade. E assim, se deita muita agua logo de uma vez, pode apagar o incendio, mas inutilisa tudo o que este poupou, de modo que não ganha nada, foi inutil e talvez nocivo o seu serviço; se deita pouca de mais, o incendio avança, e quando quizer dominal-o, já talvez não possa.

A Dosimetria, mandando repetir amiudadamente as doses nas doenças agudas, é justamente para fugir a estes extremos, é para atacar de frente o incendio, não deixando que por falta de agua elle invada toda a casa; e, por outro lado, para, pela demasiada abundancia não prejudicar aquellas partes que ainda não foram attingidas.

A accusação que se faz à Dosimetria de que fatiga os doentes com as doses repetidas até effeito, não é producente por varias razões que passamos a expor:

a) Porque em allopathia tambem em muitos casos se administram os medicamentos a intervallos curtos, — de hora a hora, de quarto em quarto de hora ou mais a miudo. Quando o caso é grave, o medico allopatha, como o homœopatha e o dosimetrista, não põem duvida em dar ao doente os remedios por este processo, não lhes importa incommodal-o com as doses amiudadas; porque assim creem attender ao bem maior ou ao menor mal, que é o alvo a que todos miram.

b) Porque com os medicamentos dosimetricos o doente em regra não se cança nem se incom-

moda. Elles são tão faceis de tomar, tão agradáveis, tão commodos! Os doentes tomam-os sem a menor repugnancia, porque não teem cheiro que os incommode, nem lhes causam peso no estomago nem dão logar a tantas outras perturbações tão communs n'outros medicamentos.

O que o doente quer é vêr-se livre do soffrimento que o afflige; e, se o medicamento lhe não repugna, e se tem confiança no medico e principalmente se começa a sentir algum allivio, longe de se fatigar, está ancioso porque passe depressa o interval-o prescripto para tomar nova dose, que vai minorar os seus padecimentos, ou lhe proporcionará algum bem-estar ou lhe dará algum raio de esperança para a cura dos seus males.

Cançará talvez o enfermeiro; esse é possível que se fatigue, principalmente quando tiver de tratar de muitos doentes ao mesmo tempo. Por este lado admittimos que o methodo das doses repetidas não dê algumas vezes os resultados que era de esperar, e confessamos que, a haver algum inconveniente, para nós é este o unico que lhe conhecemos.

Mas esse inconveniente ou defeito nem é tão grande como parece à primeira vista, nem é exclusivo da Dosimetria. Em todos os methodos, como já dissemos, quando o caso o exige e se toma verdadeiro interesse pelo doente, trata-se de arranjar enfermeiros dedicados e competentemente habilitados para bem se desempenharem da espinhosa e delicadissima missão que lhes está confiada. Quantas vezes o proprio medico não tem

de estar horas e horas à cabeceira de um doente, sem se atrever a abandonal-o, porque assim l'ho exige a gravidade do caso, a sua dedicação e os deveres da sua profissão?

Para grandes males grandes remedios, e a Dosimetria entende que qualquer perturbação no estado hygido, embora apparentemente insignificante, pode vir a ser um grande mal, senão se impedir convenientemente a sua marcha.

Combate com energia qualquer estado moribundo desde o seu principio, porque antes quer prevenir do que curar.

4.º Alguns medicos allopathas dizem terem empregado alguns granulos dosimetricos sem resultado.

Este argumento presta-se a largas considerações e nós desejavamos ser breve; não podemos, comtudo esquivar-nos a fazer algumas.

Os granulos Dosimetricos, applicados pela primeira ou segunda vez por alguns medicos allopathas, não lhes deram o resultado que esperavam; e d'ahi concluiram immediatamente que a Dosimetria não presta para nada!

Condemna-se desde logo sem appelação nem agravo uma doutrina, um systema, e um methodo, que conta alguns lustros de existencia e apresenta milhares e milhares de factos em contrario, um methodo que, embora não esteja ainda perfilhado pelas escolas, é filho de um illustradissimo e respeitavel membro d'ellas, é seguido por numerosos clinicos hoje espalhados por todo o mundo, entre os quaes se contam professores

abalizados, como um Laura, caracteres illibados, venerandos anciãos, fartos de practicar nos outros methodos e que affirmam colherem resultados incomparavelmente melhores com o methodo dosimetrico; condemna-se, dizemos, tudo isto *in totum*, só porque uma ou duas vezes um ou outro medicamento que se empregou não correspondeu à expectativa do clinico!

Por este processo não podia existir medicina, nem medicos, nem medicamentos. Pois qual é o medico que pôde gabar-se de haver empregado na sua clinica ou de conhecer um medicamento qualquer que nunca tenha falhado? Se esse medico e essa substancia medicamentosa existem, que appareçam para serem vistos e glorificados por todos; mostrem-se impavidos que receberão os suffragios e as benções da humanidade inteira.....

Mas não apparecem; nunca ninguem os viu, nem verá. Apenas algum charlatão de feira será audacioso bastante para apregoar aos quatro ventos a infallibilidade absoluta das suas drogas e mézinhas.

Ora, sendo isto assim, parece-nos que não ha razão para que se abandone e muito menos para que se invective um medicamento e um methodo therapeutico, só por que uma vez que se experimentou esse methodo, não se foi feliz com elle. Em todos os methodos e a todos os practicos acontece muitas vezes que, ainda com as substancias de acção mais segura, com aquellas a que voluntariamente se dà o nome de especificos,

empregadas segundo os preceitos da arte, umas vezes dão bom resultado, outras vezes não.

Admittindo, pois, que todos os medicos que dizem não haver tirado resultado do emprego dos medicamentos dosimetricos, cumpriram à risca os preceitos do methodo (o que para nós é muito duvidoso), não admira ainda que tal acontecesse. E dizemos que duvidamos de que o methodo fosse cumprido à risca, porque conhecemos perfeitamente a repugnancia que ha geralmente em applicar os granulos dosimetricos.

Lembra-nos aqui um caso succedido em Braga, por occasião da ultima visita que Suas Magestades alli fizeram. Uma das pessoas da comitiva achou-se incommodada com uma bronchite ou coisa que o valha, e começou a tratar-se com o medico assistente da familia real. O doente depois de haver feito uso dos medicamentos que este lhe receitou, depois de haver posto em practica tudo o que o medico lhe mandou fazer, continuava a sentir-se incommodado: ouvindo então fallar nos granulos dosimetricos de codeina, lembrou-se de fallar n'elles tambem ao seu medico, o qual lhe respondeu: « Sim, não fazem mal; pode tomar dois granulos por dia. »

Ora, o pobre doente, tomando os dois granulos de codeina por dia, era o mesmo que se não tomasse nada; continuava, por consequinte na mesma. Foi então que a pessoa que havia lembrado ao doente os granulos dosimetricos, e que por experiencia propria e extranha sabia que elles deviam necessariamente produzir algum

effeito, se fossem tomados em dose sufficiente, lhe disse que tomasse um granulo de quarto em quarto de hora, até effeito. As melhoras não se fizeram esperar: o individuo curou-se rapidamente.

Casos como este contam-se aos centos. Nós temos visto já por mais de uma vez receitar o sulfato de estrychnina na dose de dois granulos por dia em casos que exigiam certamente dose muito mais elevada; a hyoscianina na dose de dois ou tres granulos por dia, para combater estados espasmodicos graves, etc.!...

Mas será isto por medo dos alcaloides, por desconfiança ou por animadversão contra elles? Parece-nos que haverá talvez um bocadinho de tudo, quando se trata dos granulos dosimetricos, já se vê; pois que, sob outra qualquer forma, nós vemos medicos allopathas empregar doses enormes de alcaloides. Vemos, por exemplo, o doutor Lardier ministrar a um seu doente atacado de *delirium tremens*, 108 milligrammas de sulfato de estrychnina por dia. É o proprio Lardier que nos dà conta do facto na « Gazette Hebdomadaire. » A forma do medicamento de que se serviu era a de pilulas, contendo cada uma 5 milligrammas de substancia activa.

Começou por dar uma pilula de duas em duas horas, depois, de hora a hora, e, finalmente, de meia em meia hora.

O resultado diz elle que foi excellente: o individuo curou-se e não appareceu nenhum symptoma de estrychninismo.

Ora, 108 milligrammas corresponde a 216 granulos dosimetricos, dose que talvez nenhum medico dosimetrista jámais tenha ministrado a um doente em tam pouco tempo; e 5 milligrammas corresponde a 10 granulos, que tambem se não costumam ministrar de uma só vez. D'onde se conclue o seguinte:

Primo — para se obter effeito de uma dada substancia ou principio medicamentoso, é preciso ir até effeito.

Secundo — o medo ou animadversão contra os alcaloides não tem razão de ser.

Estamos bem persuadidos de que se fosse um medico dosimetrista que dissesse haver empregado em um dia 216 granulos ou 108 milligrammas de sulfato de estrychnina, era desde logo taxado de charlatão, não se lhe dava credito, anathematisavam-no e aos granulos.

Isso era là possivel!

Os granulos dosimetricos ou não conteem se não assucar e não podem produzir effeito nenhum therapeutico, como querem alguns; ou são energicos de mais e envenenam os doentes, como affirmam outros.

Aqui precisamos nós de fazer uma observação, que é a seguinte: não se deve confundir Dosimetria com granulos, nem granulos com Dosimetria. Pode ser-se perfeitamente dosimetrista sem empregar granulos; e pode empregar-se granulos até systematicamente, e não ser dosimetrista.

O doutor Lardier, embora allopatha, prati-

cava a Dosimetria, ministrando o sulfato de estrychnina d'aquella forma.

A essencia do methodo dosimetrico não está na formula pharmaceutica do medicamento, mas sim: — *no emprego da substancia activa, tanto quanto possivel isolada e pura; na administração das doses fraccionadas e repetidas até effeito therapeutico ou outro; em intervir o mais cedo possivel e sempre; combater as doenças com energia proportional à intensidade e extensão do processo morbido, isto é às doenças agudas oppor um tratamento agudo, e às doenças chronicas um tratamento chronico; attacar a causa se é conhecida, sem desprezar os symptomas de qualquer ordem que sejam.*

É isto o que, quanto a nós, caracteriza principalmente o methodo dosimetrico.

Em todo o caso, não poderemos deixar de confessar que o granulo é uma forma medicamentosa extremamente commoda e agradavel. Não conhecemos outra que sob este ponto de vista lhe leve vantagem. Não tem cheiro nauseoso que incommode o doente, nem paladar desagradavel, nem máo aspecto, como acontece com alguns outros medicamentos, que demandam da parte do doente uma coragem de heroe, uma submissão de asceta e uma resignação de martyr.

É possivel que em certos casos convenha mais empregar o medicamento dissolvido n'um liquido. De accordo: empreguem-se as soluções. Mas n'estas mesmas nós encontramos na maioria dos casos, inconvenientes e defeitos que não vemos

nos granulos. É difficil e muitas vezes impossivel evitar o máo gosto e cheiro desagradavel das soluções. A's vezes a solução não pode conservar-se bem feita, a substancia medicamentosa não se acha distribuida por egual em toda a massa liquida de modo a tornal-a homogenea; e assim a dosagem é difficil de graduar, o que não acontece com os granulos.

Diz-se tambem que os granulos dosimetricos não podem inspirar confiança em sua preparação, que são caros, que os alcaloides são infieis, etc.

Nós pensamos que tudo isto são modos de ver as coisas, e que não seria muito difficil a qualquer medico dosimetrista sustentar com bons fundamentos precisamente o contrario.

Finalmente aquelles que se não atrevem a atacar a Dosimetria por outra forma, contentam-se em dizer que ella não trouxe nada de novo à medicina, que nenhum progresso representa, que nada bom se lhe deve; porque os agentes que ella emprega tambem os outros os empregam e já se empregavam antes d'ella nascer; porque os outros tambem dão doses até effeito quando é preciso; tambem tratam as doenças agudas como agudas e as chronicas como chronicas; tambem combatem os symptomas e a causa da doença, quando a conhecem; tambem attendem à vitalidade do organismo; tambem curam quando a molestia é curavel, e deixam

de curar quando ella é incuravel, tal e qual como os dosimetristas.

Supponmos ter já dicto o sufficiente para respondermos mais ou menos completamente a todas estas asserções. Dispensamo-nos por isso de repetir aqui o que já dissemos.

E assim damos por terminado este trabalho, insignificante e defeituoso, bem o sabemos; mas que em materia therapeutica representa as nossas convicções.

MEDICAMENTOS DOSIMETRICOS

GRANULOS

CONTENDO MEIO MILLIGRAMMA
DE SUBSTANCIA ACTIVA

Aconitina
Arseniato de estrychnina
Atropina
Brucina
Cicutina
Cocaina
Colchicina
Colocynthina
Daturina
Gelsemina
Hyosciamina
Hypophosphito de estrychnina
Lobelina
Pierotoxina
Sulfato de atropina
Sulfato de calabarina
Sulfato de estrychnina
Valerianato de atropina
Veratrina

GRANULOS

CONTENDO UM MILLIGRAMMA

Acido arsenioso
Acido benzoico
Acido phosphorico
Agaricina
Anemonina
Apomorphina
Arbutina
Arseniato d'antimonio
Arseniato de cafeina
Arseniato de ferro
Arseniato de manganez
Arseniato de potassa
Arseniato de quinina
Arseniato de soda
Asparagina
Bromhydrato de cicutina
Bromhydrato de morphina
Bryonina

Cafeina
Calomelanos
Chlorhydrato de morphina
Citrato de cafeina
Codeina
Cotoina
Cubebina
Cyanureto de zinco
Cyclamina
Digitalina
Elaterina
Emetina
Evonymina
Guaranina
Hydro-ferrocyanato de qui-
nina
Hydrastina ou beeberrina
Iodhydrato de morphina
Iodoformio puro
Bi-iodureto de hydrargyrio
Iridina
Jalapina
Juglandina
Kousseina
Leptrandrina
Lycopina
Nitrato de pilocarpina
Narceina
Phosphureto de zinco
Piperina
Quassina
Scillitina
Sal de Gregory
Tannato de cannabina
Tannato de pelletierina
Valerianato de cafeina

GRANULOS

CONTENDO UM CENTIGRAMMA

Acido salicylico
Acido tannico
Benzoato d'ammoniaca
Benzoato de lithina

Benzoato de soda	Podophyllina
Bomhydrato de quinina	Proto-iodureto de hydrargi- rio
Carbonato de lithina	Salicylato de ammoniaca
Camphora mono-bromada ou bromureto de camphora	Salicylato de antimonio
Croton-Chloral	Salicylato de ferro
Diastase	Salicylato de lithina
Emetico	Salicylato de quinina
Ergotina	Salicylato de soda
Helenina	Santonina
Hypophosphito de cal	Sub-nitrato de bismutho
Hypophosphito de soda	Sulfato de quinina
Kermes	Sulphureto de calcio
Lactato de ferro	Valerianato de ferro
Pepsina pura	Valerianato de quinina
Phosphato de ferro	Valerianato de zinco

Além d'estes medicamentos a Dosimetria usa ainda: da sangria, vezicatorios, emplastros e cataplasmas, acidos mineraes, bebidas emolientes e sodorificas, perchloreto de ferro, laudano, chloral, sulfato de magnesia, banhos, etc., etc.

Não regeita nenhum progresso em therapeutica, porque ella mesma é essencialmente progressiva.

PROPOSIÇÕES

Anatomia — Não ha nervos exclusivamente trophicos.

Physiologia — A *fome* não tem séde

Therapeutica e mat. medica — Em geral preferimos o emprego dos alcaloides ao das substancias mães.

Pathologia externa — No tratamento das fistulas do anus preferimos o methodo da ligadura elastica.

Medicina operatoria — Nas operações chirurgicas o chamado *entraînement* pelo methodo dosimetrico vâle para nós tanto, pelo menos, como o penso de Lister.

Pathologia interna — Optamos pela intervenção energica, e admittimos a possibilidade da *jugulação* das doenças.

Anatomia pathologica — A escrophula não é essencialmente distincta da tuberculose.

Partos — A therapeutica hoje està bem armada para prevenir os accidentes puerperaes.

Hygiene — O estado da civilisação hodierna tende a aggravar a susceptibilidade morbida do homem.

Pathologia geral — Não admittimos doença sem lesão material.

ERRATA

Pagina 51, linha 26, em vez de *alcalino*, leia-se *alcoolico*.